



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

SOLANGE DINIZ DE OLIVEIRA

**CAROLINA DE JESUS:
UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO LIVRO “QUARTO DE DESPEJO” E A
RESSIGNIFICAÇÃO DA FAVELA NA CONTEMPORANEIDADE**

**CAMPINA GRANDE
2020**

SOLANGE DINIZ DE OLIVEIRA

**CAROLINA DE JESUS:
UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO LIVRO “QUARTO DE DESPEJO” E
A RESSIGNIFICAÇÃO DA FAVELA NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção de título de Licenciada em Letras Português.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48c Oliveira, Solange Diniz de.

Carolina de Jesus [manuscrito] : uma análise dialógica do livro "Quarto de despejo" e a resignificação da favela na contemporaneidade / Solange Diniz de Oliveira. - 2020.

51 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.

"Orientação : Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Identidade. 2. Representação. 3. Resistência. 4. Diversidade. 5. Subjetividade. I. Título

21. ed. CDD 801.95

NOME DO ALUNO

SOLANGE DINIZ DE OLIVEIRA

**CAROLINA DE JESUS: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO LIVRO
“QUARTO DE DESPEJO” E A RESSIGNIFICAÇÃO DA FAVELA NA
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção de título de Licenciada em Letras Português.

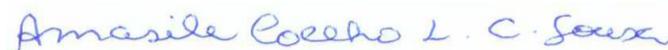
Área de concentração: Linguística

Aprovada em 22/10/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Dalva Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Muitas graças darei ao Senhor com os meus lábios.” (Salmos 109, 30). Ao meu Deus DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A palavra “perseverança” foi determinante para minha formação acadêmica. Alinhada à força de vontade, garra, fé e determinação, foram ingredientes necessários para a travessia difícil e ao mesmo tempo, satisfatória, instigante e prazerosa nessa caminhada.

À UEPB, que tornou real meu sonho de ter um Curso Superior. Serei grata sempre a essa instituição.

A Deus, o qual jamais soltou minha mão. A Ele que jamais desistiu dos meus sonhos, pois enquanto eu estava com o rascunho, o original se encontrava em sua posse. Glórias te dou, Soberano e Senhor meu.

Aos meus pais, base fundamental para minha educação e dignidade. Sem dúvidas, vocês foram o suporte, o incentivo, a palavra amiga e encorajadora durante esse processo de formação.

Ao meu irmão Walter, por todo o apoio, pelo ouvido sempre tão disposto a escutar, pelos conselhos, por sempre demonstrar, com atitudes e palavras, o quanto és orgulhoso das minhas conquistas.

À minha cunhada Juliana, sempre tão disposta a ouvir meus desabafos, meus méritos e minhas aflições. Sua leveza, afetuosidade e paciência, foram congruentes, ao ponto de contribuir para minha estabilidade.

Aos meus amigos, Andréia, Amasile, Armstrong, Camila, Célia, Itamar, Joaquim, Mathheus, Paula, Pedro, Thais, Karolline, obrigada por cada momento vivenciado, pela amizade, pelo carinho, pelas lições, pelo aprendizado e pelo ombro amigo, que durante minha formação foi imprescindível.

Aos colegas de trabalho, Edilma, Suelma, Thais, Joilda, Késsia, Virgínia e Josilma, minha eterna gratidão, pela compreensão, paciência, entendimento e por cada troca de horário, para que eu seguisse fiel ao calendário acadêmico.

Ao meu amigo Marcos, que contribuiu para o meu sonho de possuir uma biblioteca, tornar-se realidade. Grata pela serenidade e carinho que sempre me passastes.

Aos meus queridos professores, que contribuíram para minha formação: Anacã, Edson Tavares, Luciano, Dalva, Amasile, Simone Dália, Linduarte, Alfredina, Magliana, Flaviano, Zuleide, Mábia, entre outros, que partilharam seus conhecimentos e sendo assim, contribuíram para minha formação.

E as professoras da minha banca de defesa deste trabalho: Amasile e Dalva, que aceitaram com muito carinho o meu pedido e que juntas, contribuíram bastante com minha formação.

À minha orientadora Tânia, ser humano de luz que Deus me apresentou. Sua mansidão, paz, segurança, presteza, alinhada a uma voz tão suave e moderada, amenizava e confortava meu estado de espírito. Como também suas orientações, aulas, considerações e dicas de leitura, despertaram no meu âmago a aspiração para a realização dessa análise.

Ao meu irmão Rubens (*in memoriam*), que findou sua travessia tão precocemente, não recebendo a notícia a tempo do meu ingresso na faculdade, gostaria de te contar quais sonhos se realizaram, receber seu abraço afetuoso e presenciar seu sorriso compartilhando minha vitória. Hoje, a saudade ainda dilacera meu coração e a única certeza que tenho é o quanto você ficaria orgulhoso de sua mana.

“Alimentei, eduquei e amei meus três filhos. Catei papel, revirei lixo. Do papel também meu alimento: a escrita.” (Carolina Maria de Jesus)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a escrita de uma autora na década de Sessenta, ano em que o Brasil parecia ter um forte crescimento na economia do país o qual ficou conhecido como o milagre econômico; em que o Presidente Jânio Quadros renunciava por seu governo ser considerado confuso e desorganizado; em que a vaga era ocupada por João Goulart. Nesse contexto, é publicado um livro que se torna um fenômeno de vendas “O Quarto de despejo”, e a escritora, desconhecida, ocupa um espaço na nata literária: Carolina Maria de Jesus. Uma mulher negra, pobre, semianalfabeta e mãe solteira, que estava além do seu tempo e que tinha posições críticas sobre política, preconceito e o papel da mulher negra na sociedade, divulgando seu livro por todo o país e narrando sua trajetória como favelada. Nesta perspectiva, o objetivo do trabalho é analisar a escrita caroliniana e como ela construiu uma identidade, em sua condição histórica, social e cultural. Sobretudo, comparar como era o espaço em estrutura, saneamento e ocupação no Canindé e de como a atual favela se sobressai. Dessa forma, pretende-se, mostrar os caminhos percorridos realizando esse contraponto, na posição de fala do sujeito-autor, e na sistematização que a fez se tornar autora, personagem e narradora de sua própria vida, no livro em análise. Para tanto, tivemos o embasamento teórico de Brait (2017), Brandão (2012), Orlandi (2015), Fiorin (2017), Silva (2013), Zaluar (2004), entre outros. Através desta pesquisa, identificamos o quanto a obra caroliniana é um grito de resistência, diversidade e subjetividade em seu discurso, e como sua narrativa corroborou para demonstrar ao mundo, a sua luta diária e persistência para ocupar o espaço tão almejado.

Palavras-chave: Discurso. Favela. Identidade. Representação. Subjetividade.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the writing of an author in the Sixties, a year in which Brazil seemed to have a strong growth in the economy of the country, which became known as the economic miracle; in which President Jânio Quadros resigned because his government was considered confused and disorganized; where the vacancy was occupied by João Goulart. In this context, a book is published that becomes a sales phenomenon “O Quarto de despejo”, and the unknown writer occupies a space in the literary cream: Carolina Maria de Jesus. A poor black woman, semi-literate and single mother, who was beyond her time and who had critical positions on politics, prejudice and the role of black women in society, spreading her book across the country and narrating her trajectory as a favela . In this perspective, the objective of the work is to analyze the Carolinian writing and how it constructed an identity, in its historical, social and cultural condition. Above all, to compare what the space in terms of structure, sanitation and occupation was like in Canindé and how the current favela stands out. Thus, it is intended to show the paths taken by carrying out this counterpoint, in the subject-author's speech position, and in the systematization that made her become the author, character and narrator of her own life, in the book under analysis. For that, we had the theoretical basis of Brait (2017), Brandão (2012), Orlandi (2015), Fiorin (2017), Silva (2013), Zaluar (2004), among others. Through this research, we identified how much the Carolinian work is a cry of resistance, diversity and subjectivity in his speech, and how his narrative corroborated to demonstrate to the world, his daily struggle and persistence to occupy the space so desired.

Keywords: Discourse. Shanty town. Identity. Representation. Subjectivity.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 CAROLINA DE JESUS, A ESCRITORA NEGRA	13
2.1 Quem foi Carolina de Jesus	14
2.1.1 O fenômeno “Quarto de Despejo”	20
2.1.2 O discurso Caroliniano na ótica contemporânea	23
3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO DISCURSIVAS	26
3.1 A noção de discurso	27
3.1.1 A heterogeneidade discursiva	29
3.1.2 O sujeito social, a formação ideológica e a formação discursiva	31
3.1.2.1 O discurso Foucaultiano do Saber e Poder	33
4 UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE QUARTO DE DESPEJO	37
4.1 O dialogismo e a polifonia na narrativa Caroliniana	37
4.1.1 A literatura marginal na contemporaneidade	39
4.1.2 A resignificação da favela pós Carolina	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6 REFERÊNCIAS	50

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Toda a obra de Carolina Maria de Jesus reúne mais de 4.500 páginas manuscritas em trinta e sete cadernos, dentre os quais, destacamos os seguintes gêneros: poesia, contos, novelas, canções e peças teatrais. A mineira, sempre afetuosa com as letras, destacou-se em sua caminhada. Sua utopia era a prioridade em publicar o livro, “Quarto de Despejo”, que abordava de dentro da favela, todo o cotidiano de quem sofreu preconceitos, abusos e humilhações, envoltos na realidade da década de 1960.

Mulher, escritora, negra, pobre e com pouco estudo, escreveu o terror vivenciado na favela e, ao mesmo tempo, demonstrou uma libertação e uma ruptura na grade literária em relação aos cânones, momento em que alcançava, com seu discurso, o papel de mulher/personagem/escritora.

Carolina não se intimidou perante sua dificuldade social. Possuía mínima instrução escolar, mas trazia uma bagagem de leitura e uma persistência inigualável. Buscava uma melhoria de vida e enfrentou toda situação para dar o melhor para seus filhos, no âmbito da educação, moradia, vestimenta e alimentação, e priorizava isso com eficácia.

Era uma mulher com uma personalidade forte e apaixonada por escrever e ler, acreditava na utopia de se consagrar escritora, ciente da conjuntura social na qual se encontrava e em nenhum momento recuou diante de seu ponto de vista de retratar a favela, até porque possuía uma intensa propriedade para escrever sobre isso.

Na década de 1950, Carolina descrevia uma comunidade com tantos problemas de infraestrutura, miséria, dominada por drogas, roubos, desemprego e ausência de policiais para uma maior segurança. A favela do Canindé, em São Paulo, hoje Marginal Tietê, na qual Carolina residia com seus três filhos, dividindo barracos com 99 famílias, tinha diversos problemas, como a infraestrutura e a falta de água potável, até similares com a atualidade, mas sem dúvida, a favela de hoje está em outro patamar.

Nesse cenário, problematizamos: um panorama na obra “Quarto de Despejo” em uma linha tênue sobre o papel da mulher negra na década de sessenta.

Analisamos os conflitos e as desigualdades existentes na favela do Canindé, denunciados por Carolina, e nesse contra ponto comparar se seriam os mesmos no contexto sócio histórico e político atual. Nessas comunidades, moram famílias trabalhadoras e honestas, que por não terem outra oportunidade, devido às suas condições financeiras, se adaptam à sobrevivência

imposta pela sociedade, e sofrem os efeitos causados pela desigualdade social brasileira. A favela sempre fez parte da cidade, por mais que as pessoas do asfalto, com seus preconceitos e inseguranças, classifiquem as que lá residem como “marginais”.

Hipoteticamente, por que Carolina para denunciar a favela, e suas péssimas condições de vida, teria mencionado suas relações nada amistosas com alguns vizinhos, no livro. Visto que eles desfrutavam da mesma miséria, pobreza e desigualdade.

Nosso objetivo geral é analisar a escrita caroliniana e como ela construiu uma identidade, em sua condição social, histórica e cultural. Consideramos o discurso da autora e sua ideologia um processo de produção de sentidos e de formação discursiva ao identificar, em sua escrita, a multiplicidade de vozes, contida em sua obra *Quarto de Despejo* (1960). Tudo isso alinhado a uma perspectiva bakhtiniana e foucaultiana, a partir de conceitos essenciais como, heterogeneidade discursiva, formação ideológica, polifonia, dialogismo e relações de saber e poder.

Consideramos a visão bakhtiniana, na linguagem, que valoriza justamente a fala, a enunciação e afirma a sua natureza social, não individual. Adentramos também nos pressupostos foucaultianos, que enuncia que toda produção de texto, de fala, de escrita, em qualquer momento da história, vê o discurso que nada tem de tranquilo, supõe sempre lutas, vitórias e servidões.

Estabelecemos como objetivos específicos: identificar a representatividade da mulher negra no âmbito literário, pois naquela época um pobre e negro escrever, cairia na hostilidade e preconceito da sociedade; discorrer sobre a escrita de si, a partir da ótica foucaultiana; evidenciar a figura da mulher, através da voz de Carolina para denunciar sua miserabilidade, a proliferação das favelas, a frustração com a política e com a figura masculina; a ressignificação das favelas na contemporaneidade e o seu processo de desenvolvimento; valorizar a literatura marginal, que vem destacando-se nos escritos literários, consagrando-se como grito de resistência e ressaltar o gênero textual diário em suas características e funcionamento e sua importância como documento histórico para futuros leitores.

Em suas cento e noventa e nove páginas, a obra retrata de forma minuciosa, o horror degustado na labuta do dia a dia, a esperança de uma provável saída daquele ambiente de mendicância e ser reconhecida nacional e internacionalmente pelo seu talento, seus conhecimentos, sua verdade, sua cor, seu discurso, embasados em uma mulher que acreditava no poder da Educação, que transforma qualquer indivíduo em um cidadão crítico, reflexivo e sensato.

Possui uma linguagem informal e coloquial apresentada sobre a forma de gênero textual diário, que tem como característica registrar a data dos seus depoimentos em um texto

peçoal, no qual são relatadas experiências, ideias, opiniões, desejos, angústias, sentimentos, desabafos, acontecimentos e fatos do cotidiano. Partiremos desse ponto para atestar a veracidade de sua escrita, reconhecendo o quão Carolina foi desprovida da educação escolar padrão, e mesmo assim, contra todas as probabilidades, conseguiu escrever com um vocabulário riquíssimo.

Como já mencionado, analisamos a obra por um viés social, dialógico, envolto no contexto socioeconômico. No Brasil, a produção literária, de Carolina de Jesus ainda é pouco difundida como também não é reconhecida popularmente, apenas o livro em análise “Quarto de Despejo”, que foi um fenômeno de vendas e a tornou popular, mas por pouco tempo, o que poderia ser resquício de um preconceito internalizado, que a autora presenciou desde a década de sessenta, pela situação de pobreza que vivenciava.

Para que ela não caísse no esquecimento, seus filhos e pessoas anônimas admiradoras de seu trabalho, se empenharam em seguir divulgando seu nome, através de biografias, reedições de livros e poemas. Sem contar as inúmeras dissertações e teses, difundindo através de pesquisas, a escrita caroliniana.

Nossa pesquisa tem cunho qualitativo, analisando as informações narradas de uma forma organizada e captando o contexto na totalidade. Tem um caráter descritivo e explicativo, uma vez que o propósito é descrever para demonstrar o conhecimento de uma realidade já existente.

Dessa maneira, estudar Carolina e sua escrita marginal, torna esta pesquisa pertinente, pois, seu grito ecoado em forma de palavras, abarrotado de ideologias e convicções, com a persistência e vitalidade de ocupar um lugar melhor, distante daquela simbiose, ressoa até hoje.

Estruturalmente, este trabalho contém, além dessa consideração inicial, quatro tópicos. O primeiro apresenta quem foi Carolina de Jesus, enaltece o fenômeno literário “Quarto de despejo” e situa o discurso caroliniano dentro de um olhar contemporâneo. O segundo tópico tece considerações teóricas sobre as noções de discurso, sujeito, formação discursiva e formação ideológica e o discurso foucaultiano do saber e poder.

A obra é analisada do ponto de vista discursivo no terceiro tópico. Além disso, é situada na marginalidade da literatura. O quarto discute a resignificação da favela na contemporaneidade.

Nas considerações finais contemplamos a escrita de Carolina e enaltecemos sua subjetividade, empoderamento, resistência e solitude em suas escrevivências, ressaltando aspectos internos e externos da obra caroliniana, como porta voz da favela.

2 CAROLINA DE JESUS, A ESCRITORA NEGRA

Neste tópico, apresentamos a biografia de Carolina de Jesus, mostrando sua travessia desde criança até sua fase adulta, os percalços que ela percorreu em uma busca incessante por melhoria de vida, junto aos seus familiares e mais adiante com seus três filhos.

Sua trajetória é marcada por preconceitos, racismos e desigualdades. Mulher negra, pobre e semianalfabeta, em uma sociedade que sempre a viu com repúdio e ojeriza. Carolina levantou uma bandeira de resistência e liberdade. Com pouco estudo e anseio por conhecimento, sua vida perpassou por uma transformação concernente ao residir em uma favela nos meados de 1960, ano em que existiu um forte crescimento da economia do país, período que ficou conhecido como o “milagre econômico”.

Para os residentes da favela do Canindé, esses dados não passavam de meros números e pouca relevância para todos, pois o ambiente em que moravam, barracos amontoados e esgoto sem saneamento básico, era desfavorável para uma vida digna e decente. Carolina foi enfática e crítica no fator política, apoiou alguns políticos e cortou relações com vários, que já cansada de tantas promessas vazias, não os levava a sério. O discurso político de 1960 foi repulsivo por várias décadas, referindo-se aos falsos compromissos com o eleitor.

Naquela época, Jânio Quadros renunciou e João Goulart assumiu. A voz inigualável da cantora Elis Regina marcou a Música Popular Brasileira (MPB), interpretando “Arrastão”, de Vinícius de Moraes. Surgiu a Tropicália e a Jovem Guarda começou a ditar a moda. Outro fato importante merece destaque na década de 1960; a TV à cores levou o entretenimento para as famílias nas suas casas.

Aleatória a tudo isso se encontrava nossa escritora, empenhada em publicar seu primeiro livro, “Quarto de Despejo”, obra que a consagrou no meio literário, através de um jornalista designado para cobrir uma matéria e que a descobriu em meio a um tumulto na favela. A partir desse dia, sua passagem para uma vida confortável e promissora estava se realizando.

Consolidou-se no trâmite literário e sua obra circulou por diversos países e foi traduzida em várias línguas. Viajou por muitos lugares para a divulgação do livro, libertando seus filhos e ela própria do cativeiro do horror, da miséria, da desumanidade, da violência e do preconceito.

Analisar sua obra é se transportar para dentro do seu mundo e da sua subjetividade, ler suas escrevivências nos leva para dentro do seu barraco, da sua luta diária para conseguir alimento para seus filhos. Diante disso, podemos afirmar que essa obra se torna tão atemporal, pois quantas Carolinas não encontramos dentro de nós mesmos?

2.1 Quem foi Carolina de Jesus?

Carolina Maria de Jesus nasceu no interior de Minas Gerais, em Sacramento, no dia 14 de Março de 1914. Vinda de uma família extremamente pobre, precisou trabalhar cedo para ajudar no sustento da casa. Por isso, estudou apenas até o segundo ano primário.

Recebeu o incentivo de Maria Leite Monteiro de Barros, uma das freguesas de sua mãe, para frequentar a escola, ambiente no qual sofreu os primeiros assédios preconceituosos dos colegas de classe. Sua adaptação quando ingressou no colégio Alan Kardec, aos sete anos, não foi nada fácil, onde cursou a primeira e a segunda séries do ensino fundamental.

A inquietação e a curiosidade sempre foram predominantes na vida de Bitita/Carolina, o que a tornou tão inteligente, tudo ela perguntava a todos, e quando alguém lhe respondia, ela perguntava novamente, e de outra maneira, por não entender a resposta.

Sua alegria era contagiante. Quando começou a ler, sentiu-se poderosa e sempre que acontecia alguma situação de leitura, seja através da identificação de nomes de rua, dos letreiros das lojas, chegava à casa da mãe eufórica para contar a novidade, porém não tinha sequer um livro em casa e a mãe pedia para ela ir à vizinha e solicitar um emprestado. Um dia, ela voltou com uma edição de “A escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães.

Carolina deixou o colégio Allan Kardec por volta de 1923, dois anos depois de sua entrada, extremamente contrariada com a decisão da mãe, que precisava de um emprego. Com duas crianças para cuidar, o caminhão parou à porta de sua residência e carregou sua mudança. Entre os pertences, os livros de Luís Gama, poeta baiano e abolicionista, livros sobre Tiradentes e outro sobre o herói negro pernambucano, Henrique Dias. O gosto pela leitura havia contagiado e a admiração pelos livros foi preponderante em sua vida.

Em 1924, sua família mudou para Lageado, onde trabalhavam como lavradores. Em uma fazenda, encontraram um fazendeiro que deu muita terra para plantação e com o aumento da produção, viveram dias de muita fartura. Mas, o dono da fazenda, anos depois, enxotou todos das suas terras sem nenhuma explicação plausível, pois a prepotência e a arrogância dos senhores brancos, deixavam todos a mercê de muito desespero e indignidade, provocando muita revolta.

Começava ali uma caminhada na vida da escritora, de vários empregos e muitas demissões, a maioria no campo. Carolina foi ficando cada vez mais desgostosa e triste com aquele percurso, e compôs os versos de um poema muito famoso, com o título “O colono e o fazendeiro”, escrito no ano de 1939, como recordação dessa triste época de sua vida:

Diz o brasileiro

Que acabou a escravidão.
Colono sua o ano inteiro
E nunca tem um tostão.
Vende ao colono por dez.

Se o colono está doente
É preciso trabalhar.
Luta o pobre no sol quente
E nada tem para guardar.

Cinco da madrugada
Toca o fiscal a corneta
Despertando a camarada
Para ir para a colheita.
Chega a roça ao sol nascer
Cada um na sua linha
Suando, e para comer
Só feijão e farinha.

Nunca pode melhorar
Esta negra situação
Carne não pode comprar
Prá não dever o patrão.

Fazendeiro, ao fim do mês
Dá um vale de cem mil-réis
Artigo que custa seis

Colono não tem futuro
E trabalha todo dia
O pobre não tem seguro
E nem aposentadoria.

Ele perde a mocidade
A vida inteira no mato
E não tem sociedade

Onde está seu sindicato?
Passa o ano inteiro
Trabalhando – que grandeza!
Enriquece o fazendeiro
E termina na pobreza

Se o fazendeiro falar:
-Não fique na minha fazenda
Colono tem que mudar
Pois não há quem o defenda.

Sua vida sempre foi de altos e baixos e no âmbito profissional, ela vivenciou grandes decepções com algumas pessoas, que a explorava muito, acreditava que venceria na vida usando sua força física e sendo obediente aos seus patrões. Quando percebeu a desumanidade que a rodeava, tornou-se uma mulher amargurada com tudo e com todos, além de desconfiada e seca.

Outro fato que marcou sua vida foi a enfermidade de feridas que carregou durante anos em suas pernas, e que levaram muito tempo para cicatrizar. Mesmo depois de adulta, ela ainda reclamava das sequelas contraídas, até ser operada e ficar definitivamente boa.

Carolina foi resistente e lutou muito, enfrentou as cidades grandes para encontrar emprego e sofreu muita humilhação, desde dormir em um galinheiro a dormir em um asilo, no qual era obrigada a lavar as roupas dos asilados, que eram doentes, em troca de comida e cama. Via isso não só como obrigação, mas como imposição da irmã superiora.

Certa vez, cansada e com saudades da mãe, retornou a Sacramento, contra a vontade das freiras. Quando retornou à sua cidade natal, sua mãe e o padrasto trabalhavam duro para sobreviver, como também seus familiares. Embora soubesse ler e escrever, a única oportunidade de trabalho encontrada era a de empregada doméstica, mas ela não parava em emprego nenhum, pois se sentia desajustada e gostava de ler no horário de trabalho. Tinha uma revolta ao se sentir discriminada pela sua cor e posição social.

Na década de 30, chegou a São Paulo, aos 22 anos de idade, para trabalhar na casa do dentista Luiz e da sua esposa Dona Romélia. Em seu pensamento, não queria permanecer muito tempo na casa deles, pois tinha o sonho de se estabelecer como poetisa. Passou a exhibir-se em locais, como circos, festas e, sobretudo, nas redações de jornais, levando seus poemas.

Saiu da casa que trabalhava direto para uma fábrica, pegando no serviço à tarde. Porém, a cada dia, desgostava-se cada vez mais da cidade que sempre sonhou e sentia que não estava preparada para uma realidade tão impactante. Ela não sabia o que fazer diante de tal constatação, mas voltar para Sacramento estava fora de cogitação, pois se lembrava do que passou e carregava as piores lembranças.

Decidida a continuar na cidade paulistana, ela reiniciou sua peregrinação nas ruas de São Paulo. Não conseguia manter sua permanência em nenhuma casa. Sem dinheiro e sem parentes próximos, Carolina buscou abrigo debaixo de viadutos, nos prédios em ruínas e nos cortiços. A sua situação se agravou ainda mais quando engravidou de um americano chamado Wallace, que partiu quando soube da gravidez, deixando-a na condição de mãe solteira. A menina, que se chamaria Vera Eunice, nasceu morta, em 1945.

Perambulando pelas ruas, sem nenhuma perspectiva, engravidou novamente. Com medo de perder novamente a criança, pois a realidade das ruas era outra, ela presenciou mulheres perderem os filhos por causa do frio, procurou o Patrimônio Municipal, órgão da Prefeitura que regulamentava a cessão dos terrenos no Canindé, e imediatamente começou sua saga para a construção do barraco na rua A, número 9.

Prestes a ter o seu filho, que se chamaria João José, mais uma vez abandonada, sem dinheiro, soube da construção de uma igreja e foi pedir as sobras ou as madeiras. Carregou esse material na cabeça por cerca de uns 10 quilômetros, em três dias, e se deitava às duas da manhã. “É que eu ganhei umas tábuas e vou fazer um quartinho para eu escrever e guardar os meus livros.” (JESUS, 2014, p. 86).

O barraco ficou pronto e começou a sentir as dores do parto. Chamou uma amiga, por quem tinha muito carinho e dividia sua comida com ela, mas a mulher não ofereceu ajuda, o que viria a deixá-la, muito magoada a ponto de se afastar dessa “amiga”. Finalmente, buscou

ajuda no hospital, sozinha. O parto ocorreu bem e a criança nasceu saudável, mas Carolina agora tinha outra preocupação: sustentar o filho.

Com a necessidade de providenciar comida para seu filho, saía logo cedo, deixando-o sozinho, para catar papel, sua nova profissão dentro da favela. Pedia agilidade para o rapaz da pesagem, alegando que tinha que voltar logo para casa, mas o principal motivo era o peito inchado de leite e a preocupação com sua ausência no lar.

O segundo filho nasceu no dia 26 de agosto de 1950, José Carlos, e como de rotina não havia nada para comer. Os curiosos da favela a visitaram e nada lhe ofereceram, o pai da criança apareceu e gostou de ver a criança, porém, pediu para registrar o menino apenas no nome dela, seria melhor para ambos. Deixou cinquenta cruzeiros que não davam para nada, precisava comprar leite em pó, talco e fraldas.

Mas, ela não desistiu, sempre resiliente. Quando completou dez dias do parto, não aguentou a miséria e colocou uma cinta e saiu para as ruas para ganhar o sustento da família. Entretanto, o que mais queria era se tornar escritora, publicar seu livro e mostrar para as pessoas o lugar de mendicância que vivia.

Contudo, não tinha outro jeito ou outro emprego, ser catadora era seu ofício, tanto que, vez ou outra, ela contava na obra, que lhe rendia algumas compensações, quando encontrava no lixo, anel de ouro, objetos de valor e os “livros”, seu maior tesouro. O que a preocupava e tirava seu sono, era o espaço do barraco para ela e duas crianças e passou a acordar mais cedo para catar o papel, que na época estava bem disputado pelos moradores, afinal, era o ganha-pão de muitos como ela. Dessa forma, dobrou o seu ganho e comprou uns “caibros” aumentando sua morada.

Com a chegada do terceiro filho, Vera Eunice, os problemas só aumentaram. O pai da menina prometeu uma pensão, que ela retirava todo dia cinco no banco, e a ajudava por alguns dias, mas sua situação foi ficando cada vez mais crítica. Os favelados a viam como uma negra pernóstica, metida e antissocial. Apesar disso, ela não se importava, reprovava todos os que bebiam, espancavam suas mulheres e não se misturava com eles.

Aquele ambiente, definitivamente não era o lugar dos sonhos dela, era uma mulher diferenciada e determinada e tinha um coração enorme. Dentro da favela, certa vez, inventou de ser professora. Preparou um material que tinha e começou a ensinar uma dupla de garotos. Dentro do seu barraco mesmo, mas suas aulas seriam mais tarde interrompidas devido às crianças que, com ‘vícios de homem’, passaram a beber pinga, roubavam e agrediam, fato que entristeceu muito Carolina.

Cansada dessa caminhada árdua e sofrida, passou a visitar as redações com mais frequência, levando seus poemas e tentando conquistar seu espaço nos jornais, um meio de ser reconhecida. Antes de o seu livro ser publicado, em 1960, ela já tinha uma grande bagagem como poetisa ou escritora, mas um jornal divulgou apenas uma delas, que foi o poema “O colono e o fazendeiro”, um dos mais conhecidos da autora.

Essa publicação lhe rendeu muitos sorrisos e um sonho que a cada dia ela percorria e mais tarde se concretizaria: o sonho de lançar seu livro de anotações diárias, no qual contava sua luta permanente dentro da favela. Enquanto isso não acontecia, outro fato na vida dela não passou despercebido, atuou no circo que se alojou próximo à favela, vestindo uma fantasia de lâmpadas, que se iluminava à noite. Entrava no picadeiro com as lâmpadas apagadas, quando estas acendiam, ela aparecia no meio do palco e começava a cantar. Estava na sua subjetividade e no seu coração o amor pela arte de todas as formas, pois ela queria ser poetisa, cantora e atriz.

Era conhecida como uma pessoa destacada em função da escrita e da leitura. Quando não estava trabalhando, passava muito tempo escrevendo, e seus vizinhos indagavam, questionando o que tanto ela escrevia. Seria injusto imaginar que Carolina nasceu a partir do livro “Quarto de despejo”, que foi uma de suas maiores projeções no mercado literário, mas seu acervo era enorme, possuía vários cadernos escritos à mão.

Extremamente inteligente no ato de escrever, porém leiga, quando viu sua vida transformada após a publicação do fenômeno do livro. Foi alertada por quem a descobriu, o jornalista Audalio Dantas, já que vários oportunistas, enganadores e gente da própria favela tentaram e alguns com êxito extorquir dinheiro dela. O montante de dinheiro que entrou no banco significava quantias exorbitantes. Os jornais declaravam o quanto ela estava rica e gastou mais do que devia. A preocupação era comprar sua casa e sair da favela o quanto antes, e assim o fez, chamou a imprensa e se mudou debaixo de pedradas dos moradores, que não aceitavam estar no livro dela.

Se ela fosse comprar ou pagar um serviço, dava o dobro do que era pedido, várias pessoas a fizeram assinar papéis em branco, quitar hipoteca, empréstimo de carro, de casa. Por muitas vezes, teve raiva do jornalista, por reter o dinheiro, ele estava certo, previa o que estava para acontecer. Depois de longas viagens, sessões de autógrafos e uma vida bastante agitada, ela foi caindo no ostracismo e seu livro “Casa de Alvenaria”, não alçou voos como o anterior.

Ficou sem dinheiro novamente, pois com o novo livro também gastou muito na editora para publicá-lo e foi ficando esquecida do público. Quando ainda estava milionária, comprou um sítio e decidiu se mudar com a família. Queria criar suas galinhas, plantar suas flores e após

a mudança, em alguns meses estava Carolina novamente catando papel no lixo. Alguns pensaram ser uma estratégia para voltar ao mercado editorial.

Após muitas brigas com o jornalista, eles se afastaram e ela ficou muito triste com isso, confessava que tinha um temperamento difícil, que não sabia como ele aguentava seus surtos. Reencontram-se de forma trágica, no velório dela, que não resistiu a uma crise de bronquite asmática e insuficiência respiratória crônica.

Morreu nos braços da nora, a caminho do hospital. Estava na casa do filho e havia confessado a ele, que caso morresse, queria ser enterrada na cidade de Cipó. Tinha 62 anos de idade, mas seu corpo e condição física demonstravam um pouco mais. Sua filha Vera, estava grávida de dois meses, da filha Marisa.

O velório na sala foi silencioso, apenas quebrado pelo latido do seu cachorro, que parecia lamentar a sua morte. O caixão simples, ornamentado com flores do seu próprio sítio que ela plantava e cuidava com muito amor e zelo. No seu velório, não havia políticos, cantores, escritores e ninguém da alta sociedade. Apenas o prefeito compareceu, mas não se declarou nem fez discurso. Apareceu um representante da Livraria Francisco Alves e o jornalista, Audalio Dantas, que deu toda a assistência à família da escritora, que chegou a chamar de “minha irmã”.

Ele havia descoberto seus diários e estava triste e desconsolado. Quantas vezes a viu em toda a sua agitação, e agora, morta e fria! Pronunciou no velório que se afastou dela porque pedia muito que ela tivesse cuidado, e que não se deixasse levar pelas armações dos convites sonhadores e do quanto queriam se aproveitar do estrelismo causado pelo livro. Relatou que, como voz para defender a favela era um gênio, mas muitos a elevaram, iludindo-a que ela era um fenômeno e Carolina acreditou.

E mais uma vez, caiu na conversa dos editores espertos que ela tinha que pagar outro livro para ser publicado, dessa vez foi o livro de “Provérbios”. No prefácio que fez para o livro “Quarto de alvenaria”, ele pediu para ela recuperar a humildade que tinha perdido, não por sua culpa, mas devido ao deslumbramento das luzes da cidade e da fama repentina.

O que aconteceu com a escritora reflete nas pessoas que quando conquistam a glória, seja em qual aspecto for, são devoradas pela mídia, com todo o luxo que a vida com dinheiro proporciona e cometem deslizes imensuráveis. Com ela não foi diferente, leiga e recém rica, não soube administrar sozinha sua vida. Longe de quem poderia lhe auxiliar, desmoronou-se e derrubou todo o seu império, culminando com sua morte.

Ela foi enterrada trinta e três horas após seu último suspiro, cercada por uma centena de pessoas humildes e por uma amiga desconsolada, chamada Maria José, que ainda disse: “Carolina de Jesus, a querida mãe preta, morreu. Não levou e não ganhou nada nesta vida”.

Novamente, ocupou as páginas dos jornais por muito tempo, não da maneira como queria. Sua morte foi anunciada no Brasil e fora do país. Mas, deixou todo um legado para quem se apaixonaria por sua escrita e sua luta. Mostrou que nascer pobre, preta, semianalfabeta não a fez ser diferente dos demais, o que a tornou diferente foi ser contra os preconceitos e sonhar por dias melhores.

2.1.1 O fenômeno “Quarto de despejo”

Quando foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, Carolina viu a chance de ter seu livro publicado. O “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, título intencional e realista para denotar a sua trajetória de lutas, fome, desumanidade, revoltas, indignações, sofrimentos e angústias. A autora escrevia suas dores físicas e emocionais como nos relata em “Esquentei o arroz e os peixes e dei para os filhos. Depois fui catar lenha. Parece que vim ao mundo predeterminada a catar. Só não cato felicidade.” (JESUS, 2005, p.72).

O livro foi um sucesso de vendas no Brasil e no exterior, com tiragem de dez mil exemplares. Na noite de autógrafos foram vendidos 800 livros, preservando o estilo da escritora e até os erros ortográficos. Uma das curiosidades desse lançamento foi o fato da autora ter se levantado como era corriqueiro todas as manhãs e catar papelão, para conseguir alimentação para os filhos, mostrando sua total ingenuidade e simplicidade e sem aperceber que logo na manhã seguinte seria um fenômeno. Foi à livraria com seus trajes humildes e foi muito cumprimentada, inclusive por quem seria o ilustrador da obra, o Cyro Del Nero, e foram chegando muitos repórteres, entrevistando-a e fotografando alguns trechos do livro.

Percebe-se, ao folhear o livro, o teor social e questionador, intercalado com as especificidades políticas e abrangendo os diversos aspectos, como as questões raciais, o alcoolismo, a fome, a pobreza e a violência doméstica, envoltos em uma denúncia e reflexão.

A sessão de autógrafos foi um dia muito importante para “a escritora favelada”, como passou a ser chamada. Alguns canais de televisão transmitiram ao vivo, Carolina assinando o contrato de cessão de direitos autorais à editora, e para sua surpresa, o Senhor Lélcio de Castro

lhe deu dois mil cruzeiros. Ela só pensou em comprar comida para os filhos. Saiu da livraria muito feliz, e plena, levou os filhos para jantar num restaurante.

A vida dela seria transformada com o sucesso do seu livro, representou a negritude, deu voz para os excluídos e para os invisíveis, pois em época de Clarice Lispector e Jorge Amado, conquistar por semanas o *ranking* de primeiro lugar em vendagem de livros era uma proeza. Na mesma semana da assinatura do contrato, foi convidada a participar, em estúdio, de um programa de televisão no qual contou toda sua trajetória como favelada e pobre. O programa foi um sucesso, e assim, sucessivamente, foi se apresentando e virou febre na mídia. Todos queriam ver o fenômeno.

Ela percebeu o quanto sua rotina mudou. Sempre havia alguém ou alguma novidade que batia na sua porta, passou a não ter mais nenhum sossego, estava colhendo os frutos do livro publicado. Um fato que a deixou muito alegre foi que sua imagem havia alcançado os irmãos negros. O jornalista participava dos movimentos negros paulistanos e a levou numa atividade comemorativa do dia 13 de maio.

O local estava muito lotado, na ocasião assistiu à peça “Rapsódia Afro-Brasileira”. Ao término da peça, foi apresentada pelo poeta Solano Trindade, foi chamada ao palco e muito aplaudida, e, em seguida, já lhe pediram autógrafos. Por quase um ano, seu livro ficou em primeiro lugar de vendas, o que acarretou a ela uma enorme satisfação e orgulho.

Vale recordar que as primeiras linhas do livro em análise, foram escritas em um período que vai entre a superação do Estado Novo (1937 -1945) e a instalação da ditadura Militar (1964). Outro grande acontecimento estava prestes a acontecer. Em 1958, iniciava-se a construção de Brasília, “Capital da Esperança”. Com tantas novidades, a mídia também deu destaque à autora, enfatizando suas denúncias, visto que a televisão entrou nos lares em 1950, propício para uma divulgação em massa para todo o Brasil e popularizando seus escritos.

Ao ser publicado, o livro teve dois momentos expostos: a crítica, que a abraçou de forma esplendorosa, destaque para um ou dois que não a viam como uma escritora, mas como algo exótico, e seus vizinhos, que não gostaram de ver suas vidas expostas em um livro que já nasceu para ser consagrado.

O poeta Manuel Bandeira escreveu, no jornal O Globo, que o preconceito era a principal razão de as pessoas não acreditarem que uma “negra favelada” pudesse ter escrito “Quarto de Despejo”. Foi além, dizendo que ninguém seria capaz de “inventar” um texto como o de Carolina. E foi no Recife, durante o lançamento do livro que Carolina passou por grande constrangimento, ao ficar de frente com o poeta Ascenso Ferreira, um homem munido de sarcasmo e crítica. Ao notar a presença dele, perguntou aos demais, quem era a figura masculina, visto que

a escritora não tinha o convívio da nata literária e pouco conhecia seus ilustres poetas. Notando a incultura dela, destilou seu veneno já tão conhecido e com ferrenhas palavras, a acusou de não pertencer ao âmbito literário e a ofendeu com indecência.

Críticas maldosas e preconceituosas quiseram derrubar a autoestima da autora. No entanto, também recebeu elogios e aplausos de muita gente sensível, que viu nela a força, a dignidade e a mulher capaz de revolucionar o meio literário, como assim o fez.

Dessa forma, foi recebido o livro, causando tanto impacto à sociedade. É impressionante a forma e a velocidade com que essa obra tornou-se um *best seller* primeiramente no Brasil e em seguida na Alemanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália. Na Argentina, que tem a edição Portenha, além da popularidade dela no país, o livro se esgotou em menos de quatro dias, com 10 mil exemplares vendidos. Com sua ida ao país, teve tratamento de Rainha, foi hospedada em hotéis de luxo e teve carro à disposição. Seu livro teve mais duas edições no Japão e em Cuba, e em países como a Rússia, Dinamarca, Holanda, Suécia, Hungria e República Tcheca.

A imprensa internacional intensificou a cobertura com grande afinco e a demanda de pessoas de outros países querendo conhecer a escritora era imensa, movidos pela curiosidade de uma negra escrever com tanta intensidade e romper as fronteiras do país, e em pouco tempo já estar sendo lida por dezenas de línguas. O livro ainda é usado nesses países como leitura obrigatória nas Universidades. Recentemente, a UNICAMP abriu espaço para a obra e a introduziu no meio acadêmico. Dessa forma, a escritora está ganhando a cada dia mais notoriedade.

Um momento muito importante desse sucesso consagrador, foi na Academia de Letras da Faculdade de Direito. Recebeu das mãos do seu presidente, o diploma de Membro Honorário, o qual seria entregue a Jean Paul Sartre, escritor francês, mas foi desbancado por Carolina duas vezes nas listas de livros mais vendidos do ano. A solenidade terminou com essa frase “A França tem Sartre, nós temos a Carolina!”.

Um fato curioso diante das traduções do livro foi como os títulos foram vertidos. Para o dinamarquês, “Lossepladsen”, que quer dizer “lixo”; em francês, “Le Dépotoir”, que significa, grosso modo, “O Depósito”; na tradução polonesa, “Zycie na Smietniku”, ou “A vida numa lixeira” ou “À margem da vida”; em Cuba, “La favela: casa de desahogo; no Japão, “Karonina nikki” ou “O diário de Carolina”; no romeno, “São Paulo, Strada A, nrº9” (“São Paulo, Rua A, nº9”); Holanda, “Barak nr.9 : Dagboek van een brazilianse negerin”, ou seja, “Barracão nº9: Diário de uma negra brasileira”; na primeira edição alemã, o título era “Tagebuch der Armut: Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin”, traduzido como “Diário da Miséria: anotações

de uma negra brasileira”, e na sétima edição, “Tagebuch der Armut: Das Lieben in einer brasilianischen Favela”, literalmente, “Diário da Miséria: a vida numa favela brasileira”, bem mais parecido com a história contida no livro.

Para a tradução norte-americana, “Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus, ou “Filha da escuridão: o diário de Carolina Maria de Jesus”; na Inglaterra, embora tenha o mesmo tradutor, David Saint-Clair, recebeu como título “Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus”, ou “Além da compaixão: o diário de Carolina Maria de Jesus”.

Seu livro ganhou o mundo, atravessou todos os obstáculos e anunciou em seu diário, os problemas sociais, a favela em condições desfavoráveis e a fome, descortinou a violência que tanto aflige a mulher, principalmente. Escancarou os políticos e o modo como tratava quem vivia nas ruas, nos becos e nas vielas de São Paulo.

Essa mulher empoderada e resistente conseguiu a marca de 80 milhões de exemplares vendidos. Superou Sartre, Lispector, Amado, entre outros. Aquela garotinha com dois anos de estudo, que saiu de sua cidade natal, em busca de um sonho, iria provocar um acontecimento jamais visto nos píncaros da Literatura.

2.1.2 O discurso caroliniano na ótica contemporânea

O discurso de Carolina em sua obra, após décadas, se torna contemporâneo e não o afasta da tradição literária atualmente. Em pleno século XXI, temáticas tão discutidas e questionadas já faziam parte da reflexão da autora, de certa forma, explícitas em seu livro. Trazendo um viés atrelado a diversos discursos, ela aborda de maneira reflexiva a consciência política, razão pela qual não aceitava as falsas promessas de políticos que visitavam a favela em época de conseguir votos e, pós-eleições, fechava os olhos para os favelados. Essa postura política não perdeu suas raízes na contemporaneidade.

A consciência de negritude, a aceitação de ser negra, o orgulho pela sua ideologia e o empoderamento em sua escrita para relatar suas inquietações, preconceitos vivenciados no dia a dia e de como era difícil entrar no âmbito literário, sobretudo pelo racismo. Sua literatura foi extremamente pessoal, ela teve forte influência na sua vivência. Ao catar papel, também encontrava livros e tornou-se leitora de vários poetas e escritores como Casimiro de Abreu, Castro Alves e Olavo Bilac. Vale salientar, que a autora concorria com grandes escritoras que despontava no expoente literário, como Clarice Lispector, Lígia Fagundes Teles e Raquel de Queiroz.

Adorava falar e escrever, gostava de aprender palavras no dicionário que ganhou de um ex- patrão para enriquecer seu vocabulário, como também ficava feliz quando encontrava livros no lixão. Apesar disso, deparamos na escrita do seu livro, algumas palavras que não estão dentro da norma culta, devido a sua pouca escolaridade.

Certa vez, Carolina confidenciou à mãe que gostaria de ser homem. Esse desejo se dava pelo fato de que para ela, ser do gênero masculino, significaria ter mais oportunidades em todos os aspectos da vida. Ao trazermos esse discurso atrelado ao patriarcado, percebemos como ele é tão forte, tão real e acima de tudo tão corriqueiro. Principalmente, para a mulher na desigualdade de ingressar no mercado financeiro com salários diferenciados e ser considerada frágil o tempo todo.

Entretanto, são notórios o olhar e a sensibilidade que Carolina despertou desde cedo. Em uma ocasião, ela escreveu no livro, quanto era maravilhoso estar sem homem, fato atribuído à violência doméstica que presenciava dos seus vizinhos, o que acarretou um forte impacto e na concepção dela, não seria qualquer homem que entenderia o hábito da leitura corriqueira. Sua preocupação com uma figura masculina também a aterrorizava pelo fato de ter três filhos menores e não se sentir à vontade para tal acomodação. O que a fazia se sentir extremamente feliz. De vez em quando, saía daquela rotina de solidão e ficava em casa dançando valsas vienenses, com um rádio que possuía.

Realmente, essa mulher negra, semianalfabeta e marcada pela dor, vivia muito a sua frente e à sua década. Como afirma Foucault (2000),

O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra a sua energia, encontra-se efetivamente onde elas se confrontam com o poder, se batem com ele, tentam utilizar-lhe as forças ou escapar-lhe às armadilhas. Nas palavras breves e estridentes que vão e que vêm entre o poder e as existências mais inessenciais, é sem dúvida aí que estas últimas encontram o único momento que alguma vez lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessarem o tempo, o pouco de fulgor, o breve clarão que as traz até nós. (FOUCAULT, 2000, p. 99).

Comumente, escritas como as de Carolina, outras que seguem o viés como, Conceição Evaristo e Cristiane Sobral, que abordam as mazelas, violências, desigualdades sociais, a população subalterna, o preconceito e o machismo, quebram paradigmas, a invisibilidade e a exclusão e deixam suas marcas e representatividade na história e se afirmam como protagonistas de seu discurso de poder e de verdade.

Sem embargo, “Quarto de Despejo” é um espólio no qual a escritora, deixa um legado de escrevivências sobre como era sua rotina naquele ambiente, e de como era a estrutura da favela no ano de 1960. Um olhar nítido de quem percorreu becos e vielas entre barracos e o

lixão a procura de sanar sua fome e a de seus filhos que dependiam dela. Mas lançamos essa ótica na favela atual, principalmente em relação à violência, fato que cada vez mais reúne moradores para passeatas e manifestações em prol da liberdade de ir e vir, tanto fora como dentro da favela.

Todavia, é nítido o crescimento em aspectos de melhoria nesse ambiente, com várias ONG's auxiliando e prestando total apoio ao morador carente. Diante da atual conjuntura, a escritora contemplaria e ficaria encantada pela cultura implantada, através da dança, balé, capoeira, bibliotecas comunitárias, concursos de poesias que escritores levam para esse meio em busca de formar cidadãos críticos, como também de mostrar a literatura e toda sua função social.

Sua literatura e criticidade contrariaram uma elite burguesa e a elevaram como sendo algo “exótico”, desestabilizaram o cânone naquela época. Talvez por isso, ela tenha sido hostilizada por tantos que não a entenderam e a rejeitaram.

No próximo tópico, abordaremos as considerações teórico discursivas, elencando e analisando a escrita caroliniana como seu discurso de fala, em uma perspectiva bakhtiniana e foucaultiana, calcados na fundamentação de suas teorias.

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO DISCURSIVAS

Neste tópico, abordamos a noção de discurso a partir de renomados estudiosos, tais como, Fernandes (2007), Fiorin (2017) e Orlandi (2015), pesquisadores da obra e teoria de Bakhtin. Explanaremos os fundamentos teóricos por cada um e seguimos na análise da escrita de Carolina de Jesus, em seu discurso ideológico e de representatividade.

Consequentemente, averiguamos o processo de sua produção em que Fernandes (2007) aponta o que a heterogeneidade traz na narrativa da escritora, um alinhamento de como seu discurso se entrelaça com os outros e explicita jogos de vozes.

Exploramos o sujeito social, o “sujeito falante”, que a partir da sua capacidade de aquisição da língua, a usa em seu contexto, enunciando com sua voz e sua subjetividade, o seu lugar de pertença. Destarte, para a narrativa crua e real, no qual o leitor ao se debruçar sobre o “Quarto de Despejo”, imediatamente é envolvido pelo diário e a cada página percorrida, se depara com uma mulher que se armou de coragem e para mostrar sua ambiência ao mundo.

Sua voz cortou os laços que existiam em uma sociedade letrada da grande São Paulo. Que ironia do destino, os laços se renderem a uma negra, desconhecida, pobre, analfabeta e mãe solteira. Analisando essa “voz” em uma perspectiva foucaultiana do saber e poder, suas escritas renderam excelentes discursos, frente à política, ao preconceito e a desigualdade social, de forma ferrenha e sarcástica.

A intenção da autora era narrar seu cotidiano, tecer suas convicções acerca de tudo o que a oprimia e a deixava revoltada. Em sua escrita, por diversas vezes, ela criticava o pobre da favela, como também o rico da alta sociedade, fato que foi deveras questionado, se isso levou a escritora a cair no esquecimento e não alçar voos nos próximos lançamentos.

Segundo Foucault (2014), o sujeito não pode falar tudo o que gostaria, pois existe o momento oportuno para cada ocasião. No entanto, Carolina conhecia o ambiente que vivia e dona de um gênio indomável, destilava, sem qualquer pudor e apreço, o que não suportava em seu cotidiano.

Não aceitava sua condição como favelada e percebia que através de sua escrita, conseguiria recursos para abandonar aquele lugar, tão castigado e esquecido. Mas, quando conseguiu realizar o sonho, se mudando para um bairro da cidade, notava que a favela não saía dela e se indispôs com a vizinhança, motivo que a levou a comprar um sítio e se mudar com sua família para lá.

3.1 A noção de discurso

Analizamos alguns trechos da obra nas acepções teóricas de Orlandi (2015), Fiorin (2017) e Fernandes (2007), delineando que dentro da noção de discurso, as palavras quando pronunciadas, proferidas pelo sujeito no seu espaço de fala, estão entrecruzadas dos aspectos sociais, históricos e ideológicos.

Para exemplificar, na obra em análise, a autora menciona a palavra “fome”, exaustivamente, quase em todas as páginas.” [...]Percebi que no frigorifico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool”. (JESUS, 2014, p.44).

Dentro desse campo discursivo, a escolha dessa palavra vem permeada de diferentes discursos, na sua sobrevivência e a dos seus filhos, a ambiência que havia conquistado e a posição na qual estava inserida, em que os sentidos variam, dependendo do lugar que o sujeito ocupa.

Ao comentar sobre a fome, vivendo dentro da favela, a autora narra sua trajetória na busca incessante de se alimentar, no quanto ela percebe como os seres humanos são cruéis, a ponto de não sentir empatia com o próximo. Entretanto, quando Carolina consegue sair desse ambiente, sua principal preocupação é manter a dispensa cheia.

Fernandes (2007) afirma “uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam.” Desse modo, os discursos estão sempre se movimentando e mudam conforme os aspectos sociais, econômicos e políticos nos quais o sujeito está introduzido. O discurso não é a fala. Parte da exterioridade de diferentes discursos, implicados no espaço do contexto social, por isso os conflitos, as divergências, pois o sujeito é heterogêneo e polifônico e sua ideologia materializa-se a partir da linguagem.

Respaldados nas palavras de Orlandi (2015), podemos afirmar que a noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem. Para a Análise do Discurso, não nos referimos apenas à transmissão de informação, que resulta em uma linearidade. O sujeito que fala se refere a algo ou a um acontecimento, usando a materialidade linguística e o interlocutor atribui um sentido àquilo que lhe foi discursivizado, que lhe foi dito.

O discurso vai além, pois a língua não é só um código entre outros, é inexistente essa separação entre o emissor e receptor, muito menos procede a uma sequência em que o sujeito

primeiro fala e depois o outro decodifica. Então, o discurso é o efeito de sentidos entre locutores.

A partir dessa visão teórica, Orlandi (2015, p. 36) comenta que “todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia.” Na palavra do sujeito, sempre haverá um elemento de invocação ao ouvinte, ou seja, uma resposta.

No livro “Quarto de despejo”, a autora tece minuciosamente os dias de sua batalha em um ambiente de miséria, ganância, problemas sociais, promessas de políticos e extrema violência. Carolina escrevia com dedicação essas linhas, muitas vezes, como ela própria relatava, com fome e vendo seus filhos também irem dormir de estômago vazio. Agindo assim, ao escrever fazia um apelo, para que todos aqueles que fossem ler seu livro, a libertassem desse cativeiro ignóbil.

Eu deixei o leito às 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do Sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2014, p.58)

[...] Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. (JESUS, 2014, p.36)

Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão socêgo aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (JESUS, 2014, p.12)

A escrita de Carolina ¹remete a um gênero primário, o diário, escrito em linguagem informal ao qual uma pessoa relata suas experiências, relatos, sonhos, desejos e fatos do cotidiano, como também suas opiniões, sendo notório esse discurso nas relações dialógicas. Como aponta Bakhtin (2017, p.68), “os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo.” No âmbito dessas especificidades, os gêneros são concebidos como atividades comunicativas, abarcando a universalidade do uso da linguagem em todas as suas variantes.

¹ O editor do livro Quarto de Despejo respeitou fielmente a ortografia da escritora, que, por muitas vezes, contraria a norma culta (gramática), nada obstante, pois, sendo assim, traz a sua verdade e reafirma seus conhecimentos adquiridos por pouco período de estudo, ela expressa sua linguagem dentro de sua realidade e perpassa para seus leitores.

É nesse contexto que afirmamos que os gêneros não são tipos de enunciados apenas da língua escrita, eles envolvem a completude do uso da linguagem em todas as suas modalidades. No pensamento Bakhtiniano, os gêneros dividem-se em primários e secundários.

Os primários são os que se constroem no cotidiano em situações comunicativas. São, por exemplo, o bate-papo, a piada, o chat, etc. No decorrer de tantas transformações, estão surgindo na contemporaneidade novos gêneros, ao mesmo tempo em que outros estão desaparecendo. Os secundários se manifestam na escrita, em uma cultura mais elaborada e em alguns momentos mais formais, como a jornalística, a jurídica, a religiosa, a política, a filosófica, a científica e a artística, entre outras.

Os gêneros secundários absorvem e digerem os primários, remodelando-os. Outra característica dos gêneros discursivos é a sua capacidade de hibridizar-se, ou seja, cruzar-se. Por exemplo, no livro “Papel manteiga para embrulhar segredos: Cartas culinárias”, de Cristiane Lisbôa (2006), há a astúcia da protagonista de valer-se do gênero carta pessoal para escrever para sua bisavó. Através dessa comunicação, ela escreve todas as receitas do restaurante no qual trabalha. A autora mantém a estrutura composicional e o estilo do gênero carta, mas muda a temática, ocorrendo a hibridização.

3.1.1 A heterogeneidade discursiva

Carolina de Jesus reconhecia sua posição e tinha conhecimento de como seria recepcionada no mundo literário e na sociedade, é o que nos aponta Abreu (2006):

[...] já houve um tempo em que não se viam com bons olhos as produções femininas, pois as mulheres eram tidas como intelectualmente inferiores. Assim como os negros. Faça um teste: procure livros de história da literatura e veja quantas autoras são citadas até o final do século XIX. E quantos negros? Você, com certeza, conseguira contar mulheres e negros consagrados nos dedos de uma só mão. Nos mesmos livros, procure referências a obras escritas por gente pobre. Talvez você nem precise da outra mão[...] (ABREU, 2006, p.39).

Seus manuscritos relatavam esse cunho social, envolto em um compromisso e uma consciência de quebrar esse paradigma, no qual ela possuía um discurso pertinente, que fez de seu diário um best-seller, com mais de um milhão de exemplares no mundo, ao ponto de ser mais reconhecida nos países estrangeiros que se apropriam e discutem suas obras recomendadas nas faculdades.

Carolina é desconhecida pela maioria do público brasileiro, geralmente reconhecida por quem estuda literatura. Teve quatro livros (dois diários, entre eles “Quarto de despejo”, um romance e um livro de provérbios) e três póstumos (um de memórias, um de poesia e outro diário). Além disso, diversos textos seus permanecem inéditos. Ela também arriscou lançar um disco, no qual compôs todas as músicas e assim como na escrita, cantava a sua realidade, suas adversidades, sua experiência com a fome e sua ojeriza com a política.

A obra de Carolina de Jesus corrobora com um acervo, relacionado a uma voz marginalizada e excluída, além de relatar a miséria vivenciada. Ela é também porta voz dos favelados, como se estivesse levantando e aderindo uma bandeira e distingue como é a sociedade e a comunidade que vivia quando assevera que

Nas favelas, as jovens de 15 anos permanecem até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes, contam suas aventuras [...] Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. As pessoas de mais idade trabalham, os jovens é que renegam o trabalho. Tem as mães, que catam frutas e legumes nas feiras. Tem as igrejas que dá pão. Tem o São Francisco que todos os meses dá mantimentos, café, sabão etc. (JESUS, 2014, p.19).

Fernandes (2007, p. 26) afirma que “a noção de heterogeneidade visa à compreensão do sujeito, temos como condição de existência dos discursos e dos sujeitos, uma vez que todo discurso resulta do entrelaçamento de diferentes discursos dispersos no meio social.” Necessariamente, “Quarto de despejo” possui essa interação social estabelecida com diferentes sujeitos, no qual encontramos referências de outrem (de palavras, de textos lidos, de seus vizinhos), como nos remete em

Fui torcer as minhas roupas. A Dona Aparecida perguntou-me: - A Senhora está grávida? – Não Senhora – respondi gentilmente. E lhe chinguei interiormente. Se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor que eu estou grávida! E eu, não sabia! (JESUS, 2014, p.14).

É plausível e notável o diálogo existente em seus manuscritos, o modo como desperta a atenção no campo heterogêneo em que se jogam o dizer e o sentido. Na perspectiva bakhtiniana, como aponta Brait (2016), a quebra das hierarquias, das formalidades, das barreiras, também as definições de certo ou errado, de verdadeiro ou falso, não é, obviamente absoluta, mas relativa à vida social, de um modo geral.

3.1.2 O sujeito social, a formação ideológica e a formação discursiva

A partir desse tópico, será abordado como se constitui por diferentes vozes sociais esse sujeito e como pode ser analisado a partir de seus discursos. Dentro dessa perspectiva, existem distinções na diferença entre “sujeito falante”, o qual tendo a capacidade para a aquisição da língua a usa em seu contexto sociocultural e o “sujeito falando”, que faz alusão à Carolina de Jesus, pois se refere a um sujeito constituído de vozes que se fazem presentes em sua voz.

Em outras palavras, a leitura da obra explicita a representatividade da autora no cruzamento dessas vozes, ecoando através de seu discurso, com sua comunicação verbal e escrita que ganhou o mundo, mesmo por um período curto. Naquela época, lutar contra um sistema engessado e rígido, no qual as mulheres eram excluídas, foi triunfante para uma negra, que ganhou ascensão e prestígio. Sua obra, cada dia, ganha mais adeptos e leitores.

Diante da atual conjuntura na qual nos encontramos, se envolver no mundo de Jesus é um grito dado por nós mulheres, que não podemos calar, mas nos posicionarmos de forma clara e concisa. No caso de Carolina, seu espaço de voz era a favela, um lugar ocupado por muita miséria, resistindo todos os dias e contando suas escrevivências. Como nos pontua Fernandes (2007)

Em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos estão em debates e/ou divergência. Sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. (FERNANDES, 2007, p.18).

A objetividade em sua fala, realmente magoou dos moradores da favela até a elite, pois não poupou ninguém. Sua arma era a escrita e o seu discurso, tão empoderado e forte, não era, na maioria das vezes, aceito de forma tolerável. Apesar de tantas adversidades, ela possuía uma feminilidade a florada e sabia conquistar seu pretendente. As mulheres da comunidade a invejavam e a desprezavam, a ponto de cometerem violência e denúncias falsas sobre Carolina e seus filhos, era temeroso viver em um lugar no qual não havia perspectivas de sair.

Temos uma marcação de diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que travam embates, pelo qual destacamos a ideologia, que mostra esses sujeitos em cena. O homem enuncia a partir de sua voz, de seu discurso e sua existência na história, a produção de evidências mostrando o sujeito na relação imaginária com suas situações de existência.

A partir da premissa de todo discurso é ideológico, Brait (2017, p.170) pondera que “a representação do mundo é melhor expressa por palavras, pois que não precisa de outro meio para ser produzida a não ser o próprio ser humano em presença de outro ser humano”.

Com base nessa afirmação, podemos afirmar que a escrita da obra de Carolina de Jesus traz, de forma implícita, esse apelo, essa comoção de que, ao ser publicado, algum leitor tivesse piedade dela e a libertasse daquele ambiente de escassez e mazelas.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. [...] Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. (JESUS, 2014, p.39).

Temos uma mulher negra, pobre e com um discurso repleto de interpretações que faz relação com a história e com os sentidos. Durante sua trajetória, Carolina construiu sua subjetividade e ideologia em uma realidade dura e sem possibilidade de se retirar daquele ambiente pelo qual ela tinha asco. Ela é o sujeito constitutivo que domina toda sua história e (re)significa em sua discursividade sua posição e ao saber e ter consciência disso, ocupa essa posição.

Nas formações discursivas as palavras mudam de sentido e não podem ser apreendidas, senão em função das condições de produção, das instituições que as implicam e das regras constitutivas do discurso. Por isso, não se diz uma coisa qualquer, num lugar qualquer, num momento qualquer. É o que assevera Brandão (2012, p.48): “são as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam “o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.”. Nesse trecho da obra, é notório esse posicionamento e circunstância:

Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: - É que eu tinha fé no Kubistchek. - A senhora tinha fé e agora não tem mais? - Não meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo está fraco, morre um dia. (JESUS, 2005, p.39).

A autora deixa explícito um manifesto do quanto estava insatisfeita com a política. Abrangendo isso para o entendimento da formação discursiva, temos um sujeito que escreve suas palavras de determinado assunto, no caso temos a (política), em uma situação sócio histórica dada e ao mesmo tempo, outras falas vivenciam esse discurso, dentro dessa posição. Calcado nessa assertiva, temos um discurso de forma ideológica, no que se refere ao determinante

“o que cada um pode ver”. No caso, essa posição ocupada pela mulher favelada em situação de mendicância nos revela, em sua identificação, o sujeito enunciativo com o sujeito universal da formação discursiva.

3.1.2.1 O discurso foucaultiano do saber e poder

Para Silva (2013, p.149), “um analista de discurso que se apoie em Foucault é alguém que se ocupa com multiplicidades – multiplicidades de coisas ditas, de enunciações, de posições de sujeito, de relações de poder, implicadas num certo campo de saber.”

Sendo assim, ao analisar a escrita caroliniana, com destaque ao discurso político que ela proferia, categoricamente, era notório que as acepções em relação ao “poder”, se destacam em como uns atuam sobre as ações dos outros, dentro de uma sociedade, e vai mais além quando a autora classifica em uma estrutura como a cidade de São Paulo é vista na sua particularidade.”.

Ao afirmar que “o palácio é a sala de visita, a prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim, e a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2014, p. 32), a autora faz referência ao prefeito da cidade, que retirou todos os desabrigados dos viadutos e ruas e os colocou na favela do Canindé. O poder político tem a possibilidade de remodelar, desmoronar, destruir e usar recursos.

Em relação ainda à política, Jesus era enfática e o seu discurso se torna contemporâneo quando, por diversas vezes, ela descreve o seu descontentamento e o seu desprezo por verificar que não recebia apoio, mas que durante as eleições, o pobre era reconhecido e notado.

Em seu diário, ela discorre o quanto os políticos visitavam a favela, trocando pães por votos e como ficava triste por isso, vendo famílias disputando comidas e roupas ao ponto de discutirem. Não se enganava mais, porque estava adaptada a esse sistema, no qual destaca que

[...] quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com olhos semicerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (JESUS, 2014, p. 38).

Percebe-se, em sua fala, que esse discurso político é pronunciado de longa data e que ainda é o mesmo discurso nas eleições atuais. Carolina notava que os pobres só eram procurados nesse período, depois tinham desprezo de quem venciam nas urnas e a velha rotina permanecia a mesma, sem mudanças e nenhum benefício social.

No âmbito do discurso foucaultiano, “as coisas ditas”, como o que Carolina enunciou sobre o discurso político, transcorridas em seu diário, não se afastam das dinâmicas de poder e saber de seu tempo. Como nos reitera Fischer (2013, p. 132),

[...] essa luta constante, em que as coisas ditas se mostram nessa condição de desejo e poder: desejo de “ter” a verdade, poder de afirmá-la, num movimento permanente pela circulação e pela imposição de sentidos “verdadeiros” (com o correlato movimento de controle dos tantos outros sentidos possíveis, muitas vezes perigosos, que podem escapar). Nesse jogo, as posições são móveis e precisam ser vistas na sua horizontalidade, sem desconhecer-se que na correlação de forças entre quem afirma e quem “ouve” ou “lê” há sempre um polo que momentaneamente se sobrepõe ao outro, mas jamais numa condição estática e permanente, por nenhuma das partes. (FISCHER, 2013, p. 132)

A autora assume esse papel de sujeito do discurso, mostrando as diferentes formas de multiplicidade. Para Foucault (2014, p. 9), “em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. [...]Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.”. O que o autor ressalta é o cuidado com o discurso proferido. E Carolina, com sua obra, além de falar sobre as condições desumanas em que vivia, proferia um discurso político extremamente crítico para sua época, e como ela descrevia os vizinhos quando demonstrava desafeto. No seu âmago, ela queria chamar a atenção do leitor, aquele que compraria seu livro, conheceria sua vida, como seu discurso empoderador de denúncia e de autolibertação que a sustentava.

É imprescindível entrar no mundo de Carolina e se deslumbrar diante das adversidades por ela enfrentada e perceber em sua ideologia o discurso do saber internalizado, tão coerente e, acima de tudo, tão bem administrado em suas atitudes e vivência. Quem é esse sujeito-autor que fala e de que lugar fala? De que autoridade se investe alguém para falar sobre determinado assunto aqui e não em outro espaço? Ela poderia falar sobre sua simbiose com seus irmãos de cor? Ou poderia escrever sobre como era feita sua reciclagem de lixo? Com esses questionamentos, apontamos para o que Silva pondera (2013, p. 132): “para Foucault, interessa esse jogo, essa luta constante, em que as coisas ditas se mostram nessa condição de desejo e poder: desejo de “ter” a verdade, poder de afirmá-la, num movimento permanente pela circulação e pela imposição de sentidos verdadeiros.”

Ao assumir a posição de sujeito-autor, Carolina, com sua verdade munida de um lápis e um caderno encardido, torna seu discurso uma manifestação de poder e saber ao articular em diversos enunciados contidos em seu diário o seu direito assegurado institucionalmente.

[...] Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar, Eu disse:
 -É que eu tinha fé no Kubistchek.
 - A senhora tinha fé e agora não tem mais?
 - Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. (JESUS, 2014, p. 39).

Partindo dessa premissa, uma mulher de peculiares aspectos e uma visão à frente do seu tempo, conseguiu através da escrita, notoriedade, e, através de seu discurso, perpetuou o seu desejo de mostrar ao mundo como era viver em uma favela, sobre a ótica de uma negra. É essa importância que, ao ler “Quarto de Despejo” (2014), verificamos e constatamos que todo discurso é carregado de sentidos, de lutas, de ideologia, subjetividade, de saberes, de desejo e de expectativas.

Carolina, sabia dominar de maneira inigualável seu poder na escrita. “[...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.” (JESUS, 2014, p.29).

O que define o saber de poder, segundo Veiga (2011, p.130), “numa quase fusão, nos postulados foucaultianos, se fundamenta que não é a mesma coisa: poder e saber são dois lados de um mesmo processo.” As relações de força constituem o poder, ao passo que as relações de forma constituem o saber; mas aquele tem o primado sobre este.

Para Veiga (2011, p. 106), “o Brasil subiu quatro posições no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da ONU, chegando à 65^a posição entre 175 países, graças a avanços nos índices de acesso à educação e expectativa de vida no país.”²

Em uma análise feita por um economista, ele irá calcular o IDH, na ótica foucaultiana, centrará em torno de perguntas diferentes, tais quais: “um enunciado econômico e demográfico tem algum poder?”, “a posição do sujeito dentro desse enunciado?”. Os postulados de Foucault, nessa perspectiva, são capazes de mostrar algo que outros não vejam, tratando a posição que alguém assume diante de certo discurso.

Conforme o pensamento de Foucault, há uma “liberdade homeopática”, concreta e alcançável nas pequenas revoltas diárias, quando podemos pensar e criticar o nosso mundo. Assim o fez Carolina, dentro de seu discurso e de seu grito, ao externar tudo o que a fazia se sentir repugnada e violada.

Dentro dessa lógica, e calcado ao discurso de Foucault sobre subjetividade, a escritora marcou o seu pensamento naquela época e naquele lugar, através de sua posição. Não obstante seu estilo de escrever informal, o qual tinha uma particularidade em angariar palavras para seu

² Folha de São Paulo, n. 27124, 8 jul. 2003, p. A-1.

vocabulário e ter honradez em passar para o papel, ocasionando, por deveras vezes, a descon-fiança da nata literária, por incitar que em hipótese alguma essa mulher teria escrito o “Quarto de Despejo” atrelando a escrita ao jornalista que a descobriu, ou melhor que Carolina descobriu. Pois ela já escrevia há algum tempo, e esse encontro só a favoreceu ainda mais.

Em contrapartida a tudo o que Carolina representava, ela jamais recuou diante de críticas e preconceitos. O próprio Foucault identificou em suas pesquisas tipos de lutas sociais, que podemos analisar na escrita da obra e fazer essa correlação. As lutas contra a dominação (reli-giosa, gênero e racial) e luta contra o apego a si mesmo e aos outros.

Desde que nossa escritora nasceu, o discurso de luta já predominava e circulava. Nesse sentido, ela entra nessa trama discursiva e se apossa para que a ambiência da sua atual conjun-tura ganhe destaque e se consolide no campo literário.

As vendas de seu livro tiveram um sucesso estrondoso e arrematador. Até então ne-nhuma mulher tinha tido o destaque como ela teve e sua chance de se tornar escritora consa-grada só crescia gradativamente. No entanto, para sua surpresa, apenas o livro em análise al-cançou êxito e sucesso, os demais não a reconheceram como a famosa escritora negra e assim caiu no discurso do esquecimento.

Quem se debruça sobre a obra de Carolina, encontra algo muito interessante. O discurso da resistência. Foucault defendia que “onde há poder, há resistência”. Desse modo, ela demons-trava o poder que sua escrita e voz constituiriam historicamente.

4 UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE QUARTO DE DESPEJO

Nesse tópico, abordamos, dentro da perspectiva Bakhtiniana, o dialogismo e a polifonia em suas vertentes acerca da escrita da autora. O dialogismo remete ao diálogo, mas não se trata do diálogo face a face. Defendemos a ideia de dialogismo como interação verbal, pois em cada palavra que se remete ou se dirige a alguém, sempre haverá no mínimo dois interlocutores.

A polifonia, com sua multiplicidade de vozes, não como objeto do discurso do autor, mas como sujeitos, de seus próprios discursos, e com as vozes de outros personagens, que interagem e mantêm sua individualidade marcada pelo papel a que estão submetidas.

Interpelamos a leitura marginal, com a ideia de margem. De sujeito excluído, desvalorizado e silenciado por uma sociedade que sempre viu a literatura branca como pomposa e ideal para os leitores. A escrita de Jesus é literatura negra e de representatividade. Quando viva, ela não conseguiu se firmar nos parâmetros estabelecidos pelo campo literário e, apenas hoje, vem conquistando cada vez mais leitores, sendo tema de TCC, dissertações e teses, como também artigos científicos, que são escritos no intuito de perpetuar seu patrimônio.

4.1 O dialogismo e a polifonia na narrativa caroliniana

A luta diária de Carolina era para dar o melhor para seus filhos. Catar papel, lavar roupas e conseguir ferro era o que trazia comida e roupas para eles. Na maioria das vezes, não conseguia o dinheiro suficiente e todos iam dormir com fome, esse momento era o mais sofrível e tenebroso. “Não havia papel nas ruas. Passei no Frigorífico. Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas. [...] Eu não quero enfraquecer e não posso comprar. E tenho um apetite de leão. Então recorro ao lixo.” (JESUS, 2014, p,93).

Era evidente o seu inconformismo em não aceitar as condições desfavoráveis, por isso seu discurso é tão pertinente e ao mesmo tempo tão envolvente acerca das temáticas vivenciadas por ela e seus filhos. Analisar sua obra na perspectiva bakhtiniana remete ao dialogismo, não apenas ao diálogo face a face, mas à concepção de língua como interação verbal, é o que propõe o livro “Quarto de despejo”, uma interação com o leitor, uma interlocução estabelecendo relações. Para Bakhtin,

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. [...] A palavra é o território comum do leitor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2014 [1929]: 117).

A escrita caroliniana expõe sua revolta ao tomar consciência da sua condição social, notando que tem em mãos através de papéis, um mundo, e que no seu âmago, a utopia de estabelecer relações dialógicas é pertinente. Sobretudo, quando ela deseja mostrar sua importância dentro da sua subjetividade e um traço dentro de um mundo tão desigual e desumano.

O princípio do dialogismo não se firma apenas em um diálogo da fala ou escrita com o interlocutor, mesmo sabendo quem é o outro, já que estamos sempre retomando o que os outros já pronunciaram.

A autora, ao escrever seu diário, suas canções, suas poesias, traz diversas vozes: as caminhadas que percorreu desde a infância, em busca de melhoria para seus dias; os relacionamentos que teve; os livros que leu; o discurso político e religioso que presenciou; os tempos de escola e a recordação de seus professores; sua ambiência e seus vizinhos. Essas vozes estão ecoando em cada linha de sua escrita, não tirando sua liberdade, mas oferecendo ao leitor e ouvinte seu estilo, marcado por sua posição social, histórica e ideológica.

Segundo Fiorin (2017, p. 61), “o sujeito vai constituindo-se discursivamente, aprendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas.”. O sujeito é heterogêneo e na realidade de Carolina, seu discurso implica nas vozes que ela carrega ao escrever seu diário. Na sua voz foi incorporada uma voz de autoridade e de propriedade de quem mais sabia retratar e personificar a favela.

Temos esfera de comunicação através do espaço urbano, bem como a interação do homem dentro da esfera pública da vida social no contemporâneo. No seu livro *Quarto de Despejo*, a autora realiza esse processo polifônico, quando enfatiza a relação dialógica entre autor e personagem. Desse modo, o autor é ativo, isto porque estabelece essa participação do dialógico com outras vozes e através da escrita cria um ativismo, no qual dialoga com o leitor em uma interação que vai desde interrogar, responder, discordar, conceder, permitir e conciliar.

Brait (2017) defende que

A polifonia se define pela convivência e pela interação, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos. A consciência da personagem é a consciência do outro, não se objetifica, não se torna objeto da consciência do autor, não se fecha, está sempre aberta à interação com a minha e com outras

consciências e só nessa interação revela e mantém sua individualidade. Essas vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com as vozes de outras personagens. (BRAIT, 2017, p.194).

O diário pode ser considerado um gênero polifônico, pois está perpassado de outras vozes. Carolina de Jesus ocasiona esse embate social apresentando diferentes vozes polêmicas que se enfrentam, se confrontam e mostram divergências. E a protagonista do “Quarto de despejo”, que é a própria autora, conta sua trajetória, que possui conhecimento de mundo, ponto de vista, postura e voz.

4.1.1 A literatura marginal na contemporaneidade

A escrita marginal se consolidou em meados da década de 1960, ocasionando uma ruptura no cânone, com um estilo ousado e pertinente, causando um estranhamento com o diferencial que proporcionava essa escrita. Surgia uma literatura de periferia, de voz de marginalizada, de posição socialmente desfavorável e de grupo excluído.

A grande precursora desse novo mercado literário foi Carolina Maria de Jesus, com seu agraciado livro “Quarto de Despejo”, narrado em gênero diário e questionado se realmente poderia ser tido como literatura, uma vez que a obra tratava da fome e da miséria e não o romance idealizado e narrativa espetacular.

Em uma época que a literatura foi palco de brancos, ricos e elite, inserir uma negra pobre, favelada, mãe de três filhos e com uma deficiência em sua escolaridade, foi algo esdrúxulo. A autora foi alvo de críticas e não se intimidou, muito menos se abalou.

Por ser considerada uma figura exótica, seu livro publicado pós “Quarto de Despejo” não lhe rendeu glórias e muito menos destaque na imprensa. O “Casa de Alvenaria”, narrado em uma escrita marginal, relatava sua condição de ex favelada, em uma posição privilegiada. Porém, voltou ao anonimato e seus leitores não se interessavam pela continuação de sua história. Na contemporaneidade, essa produção literária marginal traz um viés de maior aceitabilidade. Carolina abriu espaço para outros autores ganharem terreno e expandirem suas obras.

A autora não se considerava porta voz de seus vizinhos favelados, ela possuía uma expressão identitária ao qual escrevia autoral e consciente de sua posição, sempre mantinha um distanciamento de todos da Favela do Canindé. O que a autora não percebia era que seus diários

e seus personagens familiares, políticos e moradores da favela, constituía um vasto material para a continuação de escritas marginais.

Carolina Maria de Jesus é autora sujeito de um discurso ideológico, com estilo e emancipação. Escreveu com propriedade o que vivenciava e depositava em sua escrita, o desabafo, as atribulações, provações, adversidades e a rotina, excessivamente cruel e desanimadora de todos os dias. Registrava fielmente o hábito de catar papel, vender e adquirir gêneros alimentícios para suprir as necessidades dos filhos. Consciente do mundo em que estava inserida, desvencilhava das falências e mazelas daquele lugar. Entretanto, possuía a certeza de que munida de caderno e lápis e um sonho de ecoar sua escrita mundo afora, seria ouvida, criticada, indagada e teria seu ingresso no mundo literário.

Expôs as dessemelhanças, o racismo, a rejeição. Questões como essas eram narradas em enunciados como: “Começo achar a minha vida insipida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual a minha alma”. (JESUS, 2014, p.89). Também em “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até me suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago.” (JESUS, 2014, p. 99) e “Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa.” (JESUS, 2014, p. 35).

A sua escrita expõe nitidamente uma inquietude em ser aceita. Apesar da pouca escolaridade, utiliza de vocábulos difíceis, seguindo uma norma culta para conquistar seus leitores e causar um estardalhaço na sociedade e no mundo literário. Ou seja, queria causar impacto, alguns a viam como uma curiosidade ou algo exótico. Porém, com todas essas particularidades, o lançamento do livro, considerado um fenômeno de vendas, deixou a crítica efervescente em relação a sua forma de escrever. Surgiram comentários maldosos e questionadores acerca da autenticidade do texto, alguns diziam que o jornalista que havia descoberto o diário estaria deturpando sua ortografia em uma tentativa de aprimorar e se aproveitar da escritora.

“Quarto de Despejo, Diário de uma favelada” surgiu como um livro forte e original, narrado por uma mulher negra e favelada, que ansiava por sua escrita atravessar fronteiras e prevalecer no âmbito literário e ser reconhecida como uma escritora ou poetisa.

Em meados de 1960, logo após a publicação do livro e a sua saída da favela. Carolina viu o lado semiurbano alastrar e expulsar cada morador daquele lugar, se transformando na Marginal do rio Tietê. O cenário, palco de muitas histórias vivenciadas por ela e seus vizinhos, estava se desfazendo. Seus irmãos, que ora defende e ora acusa no livro, iriam ocupar outro quarto.

Partindo do pressuposto que no diálogo, as personagens se comunicam entre si, com o outro, e que o discurso é tecido a partir do discurso de outrem, o sujeito, autor da obra, aparece nos enunciados:

Hoje é a Nair Mathias quem começou impricar com meus filhos. A Silvia e o espôso já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciaram. Ouvem palavras de baixo calão. Oh, se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente. (JESUS, 2014, p.14).

Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me:

-- A senhora está grávida?

-- Não senhora, respondi gentilmente. E lhe chinguei interiormente. Se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor que eu estou grávida. E eu, não sabia! (JESUS, 2014, p. 14).

Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (JESUS, 2014, p. 20).

Nos postulados bakhtinianos, o sujeito não é homogêneo e seu discurso se entrecruza com diferentes discursos, que se negam e se contradizem. É a presença de diferentes vozes em um sujeito atravessado por outro.

O discurso caroliniano provoca esse dialogismo, não apenas o de face a face, mas o que está ligado à própria concepção de língua como interação verbal, ou seja, não existe enunciado concreto sem interlocutores e que implica sempre fatores como a posição social, histórica e ideológica. Na perspectiva de Silva (2013, p.59), o sujeito “fala trazendo em seu discurso as vozes dos outros, mas articulando essas vozes de maneira única”. Podemos perceber isso na escrita da autora que, em seu discurso, especifica em vários momentos, seu descontentamento com a política. “Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos.” (JESUS, 2014, p. 33).

A obra apresenta essa interlocução ao expor os problemas sociais e sua visão de conceito da favela. Nas promessas dos políticos em fornecer melhorias para a favela, em destaque os seguintes enunciados extraídos da obra, aos quais ela enfatiza essa condição de política naquela simbiose.

[...] Os vizinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos políticos. É engano. Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais. Este ano já tivermos a visita do candidato a deputado Dr. Paulo de Campos Moura, que nos deu feijão e ótimos cobertores. Que chegou numa época oportuna, antes do frio. (JESUS, 2014, p.45).

Como é horrível ver um filho comer e perguntar: Tem mais? Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais. [...] Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (JESUS, 2014, p. 38).

Intuitivamente, ao escrever sobre política, a autora associa a fome exaustivamente como um mantra para mostrar sua labuta no decorrer do dia a dia dentro da favela. Não existe outro ritual a não ser o de acordar, levantar, catar papel, vender, conseguir gêneros alimentícios e saciar a fome batizada de “fome amarela” e que foi o seu pior pesadelo, conforme está evidente nos enunciados “[...] Deixei o João e levei só a Vera e o José Carlos. Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói”. (JESUS, 2014, p.102). Ela continua na sua escrita a enfatizar “[...] Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: --- Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome!” (JESUS, 2014, p.63).

Carolina morava dentro de uma favela, sabia de sua condição e de sua submissão ao trabalho árduo e desgastante. Entretanto, em alguns trechos da obra, observamos que ela não se coloca como favelada. “Não sei porque é que os favelados são tão nocivos. Além deles não ter qualidades ainda surgem os maus elementos que mesclam-se com eles.” (JESUS, 2014, p.71).

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2014, p.58).

O discurso caroliniano é sempre internalizado de sua personalidade e norteia o leitor de sua predileção pela escrita, fato que a fez ser reconhecida na década de sessenta. Carolina também se dedicava as leituras, diante do acervo que encontrava no lixo e formava sua pequena biblioteca. “Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” (JESUS, 2014, p.24). E, em seguida: “Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário. Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.” (JESUS, 2014, p. 26).

O discurso de catadora de lixo mostra o quanto essa atividade foi e continua ainda material. Na época, não se propagava o reciclável, isso surgiu depois, e proporcionou uma fonte

de renda a mais aos catadores. Atualmente, existe um programa dentro das favelas incentivando a reciclagem. Porém, não está ausente a figura do sujeito em busca de alimentos, roupas, calçados e outras indumentárias dentro dos lixões. Isso torna “Quarto de Despejo”, uma obra atemporal.

[...] No Frigorifico vi uma mocinha comendo salsicha do lixo. Ela perguntou-me se catar papel ganha dinheiro. Afirmei que sim. Ela disse-me que quer um serviço para andar bem bonita. Ela está com 15 anos. Epoca que achamos o mundo maravilhoso. Epoca em que a rosa desabrocha. Depois vai caíndo petala por petala e surgem os espinhos. Uns cançam da vida, suicidam. Outros passam a roubar. (...) Olhei o rosto da mocinha. Está com boqueira. (JESUS, 2014, p. 60).

A escritora é enfática no que escreve, envolve o social, o político, a violência contra a mulher, o racismo, a pobreza e a desigualdade. As últimas páginas do livro remetem ao seu cotidiano.

[...] Levantei as 3 e meia e fui carregar agua. Despertei os filhos, eles tomaram café. Saimos. O João foi catando papel porque quer dinheiro para ir no cinema. Q eu suplicio carregar 3 sacos de papeis. Ganhamos 80 cruzeiros. Dei 30 ao João. (JESUS. 2014, p. 191).

A literatura foi o meio usado por Carolina para denunciar questões sociais.

Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (JESUS, 2014, p. 197).

Não era desconhecido de quem fazia parte de sua vida, naquela época, o quanto essa escritora batalhou para realizar seu grande sonho: o de publicar suas “escrevivências”, termo usado para quem escreve suas lutas, dores, sofrimentos, frustrações e utopias.

Ela enfrentou muito preconceito, sofreu ao ter que morar em uma ambiência que não era favorável a sua personalidade, sofreu quando via seus filhos com fome, quando seus vizinhos praticavam violência constantemente, quando, por diversas vezes, presenciava homens espancando as mulheres na favela e resistia a tudo e a todos. Em vários cadernos relatava toda a angústia de vivenciar horrores, de compartilhar com seus filhos tão pequenos como a vida era amarga e deprimente.

Por inúmeras vezes pensou em suicídio, apenas pensou, porque não havia coragem para tal feito. Sua grande preocupação era o que seria daquelas crianças no futuro, qual o destino

que abraçaria cada um. Quando seu livro se tornou o fenômeno que ela tanto almejava, rendendo fortuna, fama, notoriedade e prestígio sua preocupação se tornou maior ainda, carregar o peso de ser a escritora mais destacada da época e enfrentar uma peregrinação de pessoas desconhecidas querendo seu dinheiro, se tornou rotina e desconforto no seu dia a dia.

Da glória ela conheceu e soube aproveitar por algum tempo, porém, questionava se aquele mundo era o seu agora. Será que não era mais feliz na favela, no qual por ser pobre, as pessoas a deixavam mais em paz. Assim, era Carolina Maria de Jesus, personalidade forte, destemida, sonhadora e acima de tudo “resistência”. Era neta de escravos, uma mulher que amava os livros e a escrita.

4.1.2 A ressignificação da favela pós Carolina

A favela do Canindé era ocupada por barracos e sem nenhuma estrutura de saneamento básico, não oferecia comodidade e diante daquele cenário, crescia de forma exorbitante. Dentro desse contexto, a única arma para Carolina esconder a fome, por tantas vezes citada, era sua escrita. Ao relatar seu cotidiano, talvez ela não percebesse o quanto seu livro se tornaria atemporal. Ao lê-lo, entende-se em cada detalhe, o nefasto mundo que nossa autora percorreu ao atingir seu objetivo de publicar o livro.

Na visão da favela de 1960, em alguns trechos da obra, observamos o quadro político imbuído de promessas de um progresso que ficou apenas no discurso. Os moradores foram levados para esse espaço, pois na época o prefeito queria se livrar dos moradores debaixo dos viadutos e das vielas e ofereceu esse recurso, eliminando das ruas esses andarilhos. Mas, o que realmente era pertinente não ofereceu de fato, a estabilidade e o bálsamo de dias melhores. Depois da saída de Carolina da favela, em poucos anos esta foi desativada.

Percorridas seis décadas pós publicação, o que teria mudado na favela atualmente? O ambiente atingiu o desenvolvimento e o aperfeiçoamento transcorridos tantos anos? No olhar de Rui Meirelles e Athaide (2014) e Zaluar e Alvito (2004), a favela é descrita minuciosamente o que se transformou em “Comunidade” (favela), já que até o nome sofreu alterações, além do local que também mudou.

Atualmente, existem no Brasil muitas favelas. Tratar do tema “Comunidade”, elencando aspectos e pontos positivos e negativos, observados nesse espaço, é nosso objetivo nesse

tópico. O que Carolina vivenciou no âmbito literário, por estar inserida com grandes nomes da literatura, a fez perceber o preconceito escondido em sorrisos e cortejos, e por isso foi muito questionada sobre a originalidade de sua obra.

Não tão diferente do que é observado atualmente, quando alguns moradores escondem o endereço da comunidade, quando procuram emprego, com receio de não serem aceitos na sociedade e não levantarem suspeitas diante do empregador. De acordo com relatos verídicos, o preconceito e o racismo dominam e se tornam obscuros quando o indivíduo informa o Código de Endereçamento Postal (CEP). Durante anos, houve um processo de remoção, notava-se que era uma espécie de limpeza, de expulsão, de arejamento do ambiente.

As comunidades cresceram e tomaram o espaço ao lado dos grandes condomínios verticais e hoje a sociedade divide e convive com esses moradores, com sua música (funk), que traz na letra o discurso do preconceito, da segregação, do objeto-mulher (tão questionado por feministas), da droga, da carência, da morte, da falta de oportunidade, do negro, do medo e da violência.

No entanto, temos os barracões das escolas de samba, que abrilhantam cada vez mais as passarelas nos carnavais, disputando títulos de campeã. Hoje, temos as ONG e parcerias para facilitar a vida dessas pessoas que querem ser reconhecidas. Em relação à violência que Carolina tanto se referia e tanto temia, foi criado um projeto da Secretaria Estadual de Segurança do Rio de Janeiro, denominado “Unidade de Polícia Pacificadora” (UPP), que pretende instituir polícias comunitárias em favelas. Com o intuito de desarticular quadrilhas mediante o tráfico ser tão preponderante e atingir, principalmente, os jovens.

Várias pesquisas sobre as comunidades valorizaram as vozes, seus discursos, suas batalhas e o desejo de serem reconhecidas como pessoas, e não pelo endereço. A luta do jovem negro para ingressar na faculdade e ser hostilizado por ter cor negra, faz diferença na comunidade atual e na favela de 1960, em que viveu Carolina de Jesus.

Essas diferenças foram estudadas por diversos autores dentre eles, Zaluar e Alvito (2004), que consideram a favela como

[...] o espaço onde se produziu o que de mais original se criou culturalmente nesta cidade: o samba, a escola de samba, o bloco de carnaval, a capoeira, o pagode de fundo de quintal, o pagode de clube, Mas onde também se faz outro tipo de música (como o funk), onde se escrevem livros, onde se compõem versos belíssimos ainda não musicados, onde se montam peças de teatro, onde se praticam todas as modalidades esportivas, descobrindo-se novos significados para a capoeira, misto de dança, esporte e luta ritualizada. (ZALUAR, ALVITO, 2004, p. 22).

O espaço a que se refere Zaluar e Alvito (2004) é a conquista de uma comunidade se reinventando e ganhando notoriedade acerca de seus talentos e força de vontade para mostrar ao mundo seus valores culturais e de como a favela pode produzir.

Em termos de saneamento básico, fator que não pode passar despercebido, fazendo a comparação com a favela de 1960, constatamos a realidade de uma e de outra. Quando a autora se referia a esgoto céu aberto, sem banheiro, sem água encanada com um mau cheiro constante, ela jamais imaginaria que, com o decorrer dos anos, essa situação poderia melhorar, mas em algumas comunidades ainda persistem esse problema, mas projetos estão se mobilizando para alcançar benfeitorias. Reiterando essa afirmação, Zaluar e Alvito asseveram que

Através do programa de favelas da Cedae (Proface), desenvolvido entre 1983 e 1985, o governo levaria sistemas de água e esgoto a cerca de 60 favelas, incorporando-as à rede dos seus bairros; a Comlurb comprou microtatores adaptados às condições das favelas, viabilizando assim a coleta de lixo nas mesmas; um programa de iluminação pública foi iniciado em Julho de 1985 pela Comissão Municipal de Energia, visando a superar o déficit então existente, já que apenas 47 das 364 favelas cadastradas dispunham de sistemas de iluminação pública. (ZALUAR, ALVITO, 2004, p. 41).

Com o progresso chegando, é cabível mencionar que os dias se tornaram mais leves nas favelas. Em um cenário de lutas, o morador possui, pelo menos, um quatinho para driblar as adversidades da vida, se torna sujeito de sua história.

Quanto à música, temos várias vozes emprestando seu canto ao tema e transmitindo para o ouvinte a melancolia, a falta de alegria, a dureza do cotidiano e a felicidade de ser favelado. Entre várias, que o acervo possui com o recorrente tema, destacamos duas músicas que eternizam o significado desse movimento e dessa bandeira tão levantada por tantos: Mãe solteira, de Wilson Batista (1954) e O favelado, de Zé Kéti (1995). A musicalidade enaltece o valor que tem a comunidade, suas vertentes e raízes.

Na questão da política, as várias promessas de candidatos que visitavam o local e, de certa forma, criavam nos favelados expectativas que mais tarde se frustrariam, ainda hoje existem. Carolina não apenas carregou essa mágoa, como também escreveu sobre isso em diversas páginas, ressaltando o seu lamento e o sentimento de revolta e indignação.

[...] O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. E preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. (JESUS, 2014, p.29).

Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos (JESUS, 2014, p.33).

Se por acaso estivesse viva, não se assustaria com o discurso político de agora, claro que existem candidatos que prometem e cumprem, tem aqueles que possuem compromisso com seus eleitores e seguem por vários mandatos. Porém, ainda presenciamos em jornais nacionais a corrupção de quem se aproveita de pessoas leigas e sem conhecimento.

Alvito e Zaluar (2004, p.52) apresentam uma passagem em que um político teve uma ótica para esse povo tão carente e desfavorecido: “Outra dimensão muito importante da política desenvolvida para as favelas pelo governo Brizola, é a sua política de direitos humanos, com a qual, em contraste com o governos anterior, esperava definir uma nova conduta para os excluídos baseado no respeito a seus direitos Civis.”

A comunidade, sem dúvida, ocupou seu espaço e sua ambiência. Autores consagrados a descrevem de uma forma tão peculiar, que ao lermos nossa imaginação nos transporta para esse lugar, como no “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo.

No entanto, o que conseguimos pensar é em Carolina de Jesus, preta, poetisa, semianalfabeta, mãe solteira, dona de um gênio forte e predestinada a brilhar no âmbito literário, ocupando essa Comunidade de 2020. Seria preciso mais de vinte ou trinta cadernos, como o que o jornalista Audálio Dantas encontrou em seu barraco.

A autora, em sua simplicidade e amor pela leitura e escrita, descreveria por muito tempo esse espaço que se tornou tão gigantesco, dividido por comerciantes, artesãos, pintores, crianças, homens e mulheres trabalhadores driblando o preconceito enraizado e que permite, por muitas vezes, essa segregação entre favela e sociedade.

Dessa maneira, teríamos uma continuação de “Quarto de Despejo”, com mais histórias, mais personagens e muitos relatos da própria autora, indignada, novamente, com os políticos que, de tempos em tempos, aparecem com grandiosas promessas. Com certeza, não faltaria nesse livro, o enredo de sua escola de samba preferida, visto que ela adorava dançar.

Sua carreira teria sido elencada com mais êxito e sucesso, afinal, hoje o Movimento que apoia escritas negras, além de ser conceituado a tornaria acolhida e confortável, calcado na assertiva de quantas Carolina ainda existem e escrevem discursos de resistência. São suposições que atrevemos imaginar. O que ficou desse livro fenomenal, que se tornou atemporal, é um recado para quem vive em desigualdade social, na miséria, sem perspectivas e desolado.

O seu amor pela leitura a libertou, a salvou e realizou o seu tão sonhado desejo, que era ser reconhecida pelo seu livro. Isto ela ainda vem conquistando em cada tese, dissertação, artigo, palestra, seminário e TCC defendido. Sua luta não parou quando ela foi a óbito, se resignificou cada vez mais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante tudo o que foi discutido, constatado e pesquisado, em relação à obra “Quarto de despejo” de Carolina de Jesus. Pode-se entender que a autora, realmente construiu sua identidade após se firmar no âmbito literário como escritora.

Em condição social, pois foi reconhecida na sociedade e teve sua ascensão, mesmo que por um curto período; na história, por ter seu nome bem mais divulgado fora do país e ser mais popular do que no Brasil; e na cultural, por sempre ser destaque em palestras, festivais, oficinas, como também ser citada em artigos, livros, monografias, dissertações e teses enaltecendo seu nome. A análise sobre sua escrita em uma perspectiva bakhtiniana e foucaultiana, ressalva a importância desse estudo, no sentido de atender as suas teorias e se qualificar em ambas. A partir de conceitos essenciais como, heterogeneidade discursiva, polifonia, dialogismo, formação ideológica e as relações de saber e poder, imprescindíveis para fundamentar o discurso, compreensão e a subjetividade da autora.

Nesse sentido, em relação aos objetivos específicos, destaco a identificação sobre a representatividade da mulher negra no âmbito literário, pois foi constatado que Carolina, sofreu muito preconceito e racismo, por parte principalmente de alguns poetas e escritores. No entanto, ela resistia, pois naquela época, não tinha o movimento de negritude que existe atualmente, ao qual ela encontraria apoio e solidariedade.

Sobre o gênero textual diário, o que notamos é o desuso cada vez mais frequente, pois novos estão surgindo e a demanda vai ocupando outro espaço. Outrossim, ressalto a valorização da literatura marginal, que vem crescendo e destacando-se em movimentos e livros publicados.

A ressignificação das favelas na contemporaneidade e o seu processo de desenvolvimento; teria sido os mesmos no contexto sócio histórico e político atual, em relação a favela do Canindé? Percebermos durante a análise de nossos dados que houve uma pequena mudança, principalmente, em termos estruturais, saneamento, habitação, apoio e assistência de instituições e ONGS, direitos humanos, música, escolas, e de como também ocupou espaço nos morros demograficamente, mas estamos cientes que muitos vivem ainda em desigualdades sociais e de fome.

Porém, sobre a violência citada pela escritora, que era predominante na favela, não diminuiu e torna-se mais um agravante quando a questão for a cor da pele, pois a favela continua sendo um lugar de muitas lutas, sofrimentos, marginalidade e entraves. Sem dúvidas, o tráfico

acentuou e ganhou mais adeptos para essa forma de angariar dinheiro, tão quanto a política que em nada modificou-se neste novo cenário, e seus partidos consagram políticos com o mesmo discurso e atitudes que tanto Carolina enfatizava.

Hipoteticamente, questionei por que Carolina para denunciar a favela, e suas péssimas condições de vida, teria mencionado sua não afetividade com seus vizinhos, no livro. Visto que eles desfrutavam da mesma miséria, pobreza e desigualdade. Uma vez que ela, pouco sociável, não tinha nenhum pudor em demonstrar sua não simpatia por esses vizinhos, escrevia sim, sobre eles, como forma de externar sua raiva, lamento e horror de morar em ambiente precário, com pessoas em que ela não sentia nenhuma empatia.

A problematização levantada foi um panorama na obra “Quarto de Despejo” em uma linha tênue sobre o papel da mulher negra na década de sessenta. Através da pesquisa, constatamos que o fato de ser mulher, ter nascido fêmea, e principalmente “negra”, estava destinada a sofrer preconceitos, misoginia e violência. Porém a escritora, bastante crítica em suas ideias e argumentos, como ponto de vista, mostrou em seu livro o quanto uma mulher pode ser forte e determinada.

Esperamos que essa obra possa alcançar os limites da democratização nas escolas, fazer parte do planejamento escolar e ser apresentada de forma reflexiva. Que Carolina de Jesus nunca deixe de ser citada e que seu discurso se internalize de forma abrangente, principalmente, quando ela for lembrada pela mulher que foi.

6 REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ACERVO, Estadão. < <https://acervo.estadao.com.br/>> Acesso em: 04 de Março de 2019.
- ACORDA, Cultura. < <http://www.acordacultura.org.br/>> Acesso em: 04 de Março de 2019.
- AVENTURA, Na história. < <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/>> Acesso em: 05 de Março de 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos chave (Org) 5. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin**: outros conceitos- chave (Org) 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- EDUCAÇÃO, Uol. <<https://educacao.uol.com.br/>> Acesso em: 05 de Março de 2019.
- FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.
- FERNANDES, Cleudemar A. **Teorias linguísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia, EDUFU, 2003.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- FISCHER, Rosa M. B. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano. A. (Org.) **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 123-154.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4.ed. Alpiarça: Garrido, 2000.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- LISBÔA, Cristiane. **Papel manteiga para embrulhar segredos**: cartas culinárias. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2006.
- MATÉRIA, Toda. < <https://www.todamatéria.com.br/anos/60/>> Acesso em: 03 de Março de 2020.

MDEMULHER, Abril. Disponível em: < <https://mdemulher.abril.com.br/> > Acesso em: 06 de Março de 2019.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

RUI, Massato Harayama; MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela**: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo: Gente, 2014.

SILVA, Adriana P. P.de F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano A. (Org.) **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.45-63.

VEIGA, Neto. **Foucault e a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. **Um século de favela**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

YOUTUBE. Com. <<https://www.youtube.com/>> Acesso em 15 de Abril de 2020.